

**Camila Cardoso Camilo**



**CONSTRUÇÃO E ESTUDOS PSICOMÉTRICOS DA ESCALA  
DE ATITUDE FRENTE À ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO**



**Campinas**

**2021**

**Camila Cardoso Camilo**



**CONSTRUÇÃO E ESTUDOS PSICOMÉTRICOS DE UMA  
ESCALA DE ATITUDE FRENTE À ATUAÇÃO DO  
PSICÓLOGO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco, Área de Concentração - Avaliação Psicológica, para a defesa de doutorado.

**ORIENTADOR: PROF. DR. RODOLFO A. MATTEO AMBIEL**

**Campinas**

**2021**

157.93  
C19c Camilo, Camila Cardoso.  
Construção e estudos psicométricos da Escala de Atitude frente à atuação do psicólogo. - Campinas, 2021. 88 p.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco. Orientação de: Rodolfo Augusto Matteo Ambiel.

1. Cognição. 2. Afetividade. 3. Comportamento. 4. Psicometria. 5. Construção de instrumentos. I. Ambiel, Rodolfo Augusto Matteo. II. Título.



Educando  
para a paz

### PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA

Camila Cardoso Camilo defendeu a tese “CONSTRUÇÃO E ESTUDOS PSICOMÉTRICOS DA ESCALA DE ATITUDE FRENTE À ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO” aprovada pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco em 26 de março de 2021 pela Banca Examinadora constituída por:

Prof. Dr. Rodolfo Augusto Matteo Ambiel  
Orientador e Presidente

Profa. Dra. Claudette Maria Medeiros Vendramini  
Examinadora

Profa. Dra. Ana Paula Porto Noronha  
Examinadora

Prof. Dr. Hugo Ferrari Cardoso  
Examinador

Profa. Dra. Monalisa Muniz Nascimento  
Examinadora

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

*“Ontem, no entanto, perdi durante horas e horas a minha montagem humana. Se tiver coragem, eu me deixarei continuar perdida. Mas tenho medo do que é novo e tenho medo de viver o que não entendo, quero sempre ter a garantia de pelo menos estar pensando que entendo, não sei me entregar à desorientação. Como é que se explica que o meu maior medo seja exatamente em relação: a ser? e no entanto não há outro caminho. Como se explica que o meu maior medo seja exatamente o de ir vivendo o que for sendo? como é que se explica que eu não tolere ver, só porque a vida não é o que eu pensava e sim outra como se antes eu tivesse sabido o que era! Por que é que ver é uma tal desorganização?”*

Clarice Lispector

## **Agradecimentos**

Sem titubear, inicio agradecendo aos meus pais, que tanto lutaram para que eu aqui estivesse. Para eles, ter uma filha graduada já era um orgulho sem fim, afinal, isso é raridade na nossa família. Ter uma filha doutora, ah... isso não tem explicação! É para eles, sem dúvidas, motivo de orgulho maior que para mim mesma. Mal sabem eles que se não fossem todas lições, o carinho, as broncas e o suporte, nos momentos difíceis em que eu pensei em desistir, não fosse o apoio, eu não estaria aqui! Obrigada meus amores, por terem acreditado tanto em mim, acreditaram tanto que me fizeram acreditar também, e assim, tudo se tornou possível, apesar das minhas próprias limitações.

Continuando com os familiares, agradeço ao meu irmão, que sempre esteve quebrando galhos, me fazendo rir quando estava difícil, me acompanhando quando eu precisava. Você é um ser de luz e ilumina nossos caminhos! Obrigada mano, por trazer tanta alegria para minha vida, desde seu nascimento. Agradeço também a minha irmã, que mesmo distante, mesmo sem nem saber disso, é fonte de amor e carinho para mim, e se tornou muito importante desde o dia que “entrou” para a nossa família.

Durante essa longa e árdua caminhada do doutorado, fui constantemente testada, e, por diversas vezes, me vi entrando em contato com minhas próprias limitações, algo difícil de se lidar. Fiquei com medo, muitas vezes, de ser julgada, de não fazer parte do grupo, de não ser aceita por não ser como todos eles. Mas isso nunca aconteceu. Muito pelo contrário! Sempre fui muito compreendida, aceita e auxiliada neste percurso. A todos meus amigos do PPG, deixo meu agradecimento. Em especial, meu carinho a Catarina e Ana Deyves, que sempre confiaram em mim, me apoiaram e permaneceram ao meu lado nos momentos mais difíceis. João Paulo Lessa, obrigada por ter me dado tanto suporte, me ensinado e ajudado tanto na reta final da minha tese.

A professora Claudette Vendramini, minha parceira de anos e anos, com quem aprendi muito, meu muito obrigada! “Clau”, serei sempre grata por todos os conselhos, por entender minhas dificuldades, por me acolher quando a situação pessoal estava um caos. Você é parte da minha história.

Meu doutorado foi conturbado, foi pessoalmente tenso, e, dentre todas as situações que passei, a troca de orientador foi uma das mais marcantes. E isso teria tudo para dar errado, mas não deu! Ganhei o presente de trabalhar com um professor que conheço, admiro e tenho muito carinho desde a minha graduação. Professor Rodolfo, “Rod”, muito obrigada por ter me ajudado, me acolhido, me entendido. Você foi muito, muito, muito importante para que essa fase fosse finalizada. Finalizo o doutorado te admirando ainda mais.

Junto com o professor Rodolfo, recebi outros anjinhos que me ajudaram muito nesse processo de finalização. Gustavo e Paulinha, muito obrigada pela força. Me senti tão acolhida por vocês, tão respeitada. Vocês também foram importantes nesse momento.

Meus professores do PPG também foram fundamentais na minha formação profissional e pessoal. Todos! Obrigada por tanta dedicação e ensinamentos. Tenho tanto orgulho por poder dizer que faço parte do PPG em Psicologia da USF. Vocês não imaginam a honra que é tê-los como mestres. Obrigada!

Agradeço também aos amigos que estiveram comigo desde antes mesmo de eu pensar em seguir essa jornada. Aos amigos de longa data, que me apoiaram, entenderam minha falta de tempo, me deram colo e nunca me deixaram desistir. Nesses anos todos, muita coisa mudou, e vocês sempre estiveram comigo. Complemento agradecendo minha primeira “sobrinha”, Rebequita, que tanto amo e tanto me inspira. Ao meu afilhado lindo, Henry, que tem um papel fundamental na minha vontade de ser uma pessoa cada dia

melhor. Além deles, recentemente ganhei uma “sobrinha” nova, a Melzinha, que veio adoçar nossas vidas. Eu amo tanto vocês, que nem cabe em mim.

Por fim, agradeço ao meu namorado, Leonardo, por sido a luz que minha trajetória de vida tanto precisava. Obrigada por me apoiar, por me ouvir e por estar ao meu lado. Nossa convivência tem me feito perceber que se relacionar pode ser algo leve. Eu precisava disso. Obrigada pelo presente ao meu lado e pelo futuro planejado. Te amo.

## Resumo

Camilo, C. C. (2021). *Construção e estudos psicométricos de uma Escala de Atitude frente à Atuação do Psicólogo*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Campinas.

O presente estudo teve como objetivo construir e buscar evidências de validade para a Escala de Atitude frente à atuação do Psicólogo – EAAPsi. A atitude é considerada como a categorização que o sujeito faz de determinados objetos, realizada por meio de uma dimensão avaliativa baseada em três fontes de informações, a cognitiva, que compreende a pensamentos, percepções e crenças sobre o objeto, a afetiva, relacionada às emoções e sentimentos, e comportamental, composta pelas ações ou intenções para agir frente ao objeto. O primeiro foi realizado em duas etapas: na primeira foram elaborados 56 itens para compor a EAAPsi, a partir do referencial teórico do objeto atitudinal e de atitude; na segunda, os itens foram submetidos à análise de seis juízes, psicólogos, que já atuaram como coordenadores de curso de Psicologia. A partir da análise de juízes, optou-se pela retirada de 5 itens, que apresentaram concordância menos que 70%. O segundo estudo teve a função de buscar evidências de validade baseadas na estrutura interna e análise de fidedignidade da escala, por meio de uma Modelagem de Equações Estruturais Exploratórias (ESEM), bem como a estimativa de precisão dos fatores (alfa de Cronbach,  $\alpha$ , e ômega de McDonald,  $\omega$ ). A extração de três fatores na ESEM produziu um ajuste satisfatório do modelo (RMSEA = 0,05; CFI = 0,92; TLI = 0,91), porém com um agrupamento diferente do proposto pela teoria. No terceiro estudo buscou-se avaliar as evidências de validade baseadas em variáveis externas, por meio da correlação com o escore geral Escala de Forças de Caráter (EFC) e das áreas de atuação do profissional da Psicologia por meio da Escala de Interesses por Áreas da Psicologia (EIAPsi). Correlações significativas e positivas foram encontradas entre a EAAPsi e a EIAPsi e entre a EAAPsi e a EFC. Os estudos apontaram para uma escala com composição diferente da proposta pela teoria das atitudes. Recomenda-se a realização de novos estudos para avaliar as atitudes dos estudantes em relação à sua atuação como psicólogo.

**Palavras-chave:** cognição, afetividade, comportamento, psicometria, construção de instrumentos

## Abstract

Camilo, C. C. (2021). *Construction and psychometric studies of an Attitude Scale towards the Psychologist's Performance*. Doctoral Thesis, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia. Campinas: Universidade São Francisco

The present study aims to develop and search for validity evidences for the Psychology students' attitude scale towards the psychologist's performance, called the Attitude Scale towards the Psychologist's performance - EAAPsi. The attitude is considered as the subject's categorization of certain objects, accomplished through an evaluative dimension based on three sources of information, the cognitive, which comprises thoughts, perceptions and beliefs about the object, the affective, related to emotions and feelings, and behavioural, composed of actions or intentions to act in front of the object. Study 1 was accomplished in two stages: in the first, 56 items were created to compose the EAAPsi, based on the theoretical reference of the attitudinal and attitude object; in the second, the items were submitted to the analysis of six judges, psychologists, who have already worked as coordinators of Psychology courses. From the analysis of the judges, it was decided to remove 5 items, which showed less than 70% of agreement. The second study aimed for searching for validity evidence based on the internal structure and reliability analysis of the scale, through an Exploratory Structural Equation Modeling (ESEM), as well as the estimation of factor accuracy (Cronbach's alpha,  $\alpha$ , and McDonald's omega,  $\omega$ ). The removal of three factors in ESEM produced a satisfactory fit of the model (RMSEA = 0.05; CFI = 0.92; TLI = 0.91), but with a different grouping than that proposed by the theory. In the third study, we attempted to evaluate the validity evidence based on external variables, through the correlation with the general score Scale of Forces of Character (EFC) and the areas of performance of the psychology professional through the Scale of Interests by Areas of Psychology (EIAPsi). Meaningful and positive correlations were found between EAAPsi and EIAPsi and between EAAPsi and EFC. The studies led to a scale with a different composition from that proposed by the theory of attitudes. Further studies are recommended to assess students' attitudes towards their performance as a psychologist.

**Keywords:** cognition, affectivity, behavior, psychometry, construction of instruments.

## Resumen

Camilo, C. C. (2021). *Construcción y estudios psicométricos de una escala de actitud hacia el desempeño del psicólogo*. Tesis de Doctorado, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia. Campinas: Universidade São Francisco.

El presente estudio tuvo como objetivo construir y buscar evidencias de validez para la escala de actitud de los estudiantes de Psicología hacia el desempeño del psicólogo, denominada Escala de Actitud hacia el desempeño del Psicólogo - EAAPsi. La actitud es considerada como la categorización del sujeto de ciertos objetos, realizada a través de una dimensión evaluativa basada en tres fuentes de información, la cognitiva, que comprende pensamientos, percepciones y creencias sobre el objeto, la afectiva, relacionada con las emociones y sentimientos, y la conductual, compuesto por acciones o intenciones de actuar frente al objeto. La primera se realizó en dos etapas: en la primera se crearon 56 ítems para componer la EAAPsi, a partir del marco teórico del objeto actitudinal y actitud; en el segundo, los ítems fueron sometidos al análisis de seis jueces, psicólogos, que ya se desempeñaron como coordinadores de un curso de Psicología. Del análisis de los jueces, se decidió eliminar 5 ítems, que mostraron menos del 70% de acuerdo. El segundo estudio tuvo la función de buscar evidencias de validez con base en el análisis de estructura interna y confiabilidad de la escala, a través de un Modelo Exploratorio de Ecuaciones Estructurales (ESEM), así como la estimación de la precisión factorial (alfa de Cronbach,  $\alpha$  y McDonald's omega,  $\omega$ ). La extracción de tres factores en ESEM produjo un ajuste satisfactorio del modelo (RMSEA = 0.05; CFI = 0.92; TLI = 0.91), pero con una agrupación diferente a la propuesta por la teoría. En el tercer estudio, se buscó evaluar la evidencia de validez con base en variables externas, mediante la correlación con la puntuación general de la Escala de Fuerzas del Carácter (OBE) y las áreas de actuación del profesional de la psicología a través de la Escala de Intereses por Áreas de Psicología (EIAPsi). Se encontraron correlaciones significativas y positivas entre EAAPsi y EIAPsi y entre EAAPsi y OBE. Los estudios apuntaron a una escala con una composición diferente a la propuesta por la teoría de las actitudes. Se recomiendan más estudios para evaluar las actitudes de los estudiantes hacia su papel como psicólogo.

**Palabra clave:** cognición, afectividad, comportamiento, psicometría, construcción de instrumentos

## Sumário

<b>Agradecimentos</b> .....	<b>6</b>
<b>Resumo</b> .....	<b>9</b>
<b>Abstract</b> .....	<b>10</b>
<b>Resumen</b> .....	<b>11</b>
<b>Sumário</b> .....	<b>12</b>
<b>Lista de tabelas</b> .....	<b>13</b>
<b>Lista de anexos</b> .....	<b>14</b>
<b>Fundamentação Teórica</b> .....	<b>15</b>
<b>ATITUDE</b> .....	<b>15</b>
<b>PSICOLOGIA E ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO</b> .....	<b>31</b>
<b>VIRTUDES E FORÇAS DE CARÁTER</b> .....	<b>44</b>
<b>INTERESSES PROFISSIONAIS PARA O CONTEXTO DA PSICOLOGIA</b> .....	<b>51</b>
<b>Método</b> .....	<b>54</b>
<b>ESTUDO 1 – CONSTRUÇÃO DOS ITENS E EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DE CONTEÚDO</b> .....	<b>54</b>
<i>1ª Etapa – Elaboração dos itens da Escala de Atitude frente à Atuação do Psicólogo -</i>	
<i>EAAPsi</i> .....	<b>54</b>
<i>2ª Etapa – Análise de juízes</i> .....	<b>57</b>
<b>ESTUDO 2 – EVIDÊNCIAS DE VALIDADE BASEADAS NA ESTRUTURA INTERNA</b> .....	<b>60</b>
<b>ESTUDO 3 – EVIDÊNCIAS DE CONSTRUTO BASEADAS NA RELAÇÃO COM OUTRAS VARIÁVEIS</b>	<b>67</b>
<b>Discussão</b> .....	<b>73</b>
<b>Considerações Finais</b> .....	<b>81</b>
<b>Referências</b> .....	<b>84</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>96</b>

## Lista de tabelas

Tabela 1 .....	46
Tabela 2 .....	55
Tabela 3 .....	59
Tabela 4 .....	60
Tabela 5 .....	64
Tabela 6 .....	70

## Lista de anexos

Anexo 1- Formulário para Avaliação de Juízes .....	96
Anexo 2 - Termo de Consentimentos Livre e Esclarecido para juízes.....	103
Anexo 3 – Questionário de identificação do sujeito.....	105
Anexo 4 – Escala de Atitudes frente à Atuação do Psicólogo – versão coleta.....	80
Anexo 5 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Etapa de análises psicométricas (online) .....	82
Anexo 6 - Escala de Forças de caráter (Noronha & Barbosa, 2016).....	83
Anexo 7 – Escala de Interesses de Atuação na Psicologia (EIAPsi, Ambiel & Martins, 2019).....	86
Anexo 8 – Escala de Atitude frente à Atuação do Psicólogo – EAAPsi – Versão final	87

## **Fundamentação Teórica**

### **Atitude**

Os indivíduos em sociedade são diariamente expostos à muitas informações, como quando conversa com outra pessoa, quando lê uma notícia, quando participa de uma aula, entre outras diversas possibilidades de situações. De acordo com Neiva e Mauro (2011), com o intuito de entender melhor onde vivem, as pessoas buscam constantemente organizar, de forma avaliativa, todos esses objetos do mundo, como sendo algo favorável ou não e desejável ou indesejável. Albarracín e Zanna (2014) argumentam que os seres humanos reagem de forma avaliativa aos ambientes aos quais se vê inserido, ou seja, as pessoas protegem e cuidam daqueles que são próximos, avaliam o quão as outras pessoas são atrativas ou não, avaliam para selecionar líderes, como irão gastar seu dinheiro, entre outras coisas.

Por intermédio desse constante processo de entendimento dos acontecimentos como sendo bons ou ruins, apropriados ou não, o sujeito adota uma posição frente a tudo que está a sua volta (Albarracín & Zanna, 2014). Segundo os mesmos autores, esta posição, por meio da avaliação do objeto, é chamada de atitude. Os pesquisadores que estudam a atitude têm a intenção de investigar os fatores presentes nessas avaliações, como são formados, alterados e representados na memória para então serem traduzidos em cognições, motivações e ações.

Antes de apresentar os principais conceitos de atitude, cabe deixar claro o significado dos termos “objeto”, “objeto psicológico” e “objeto atitudinal”, muito utilizados na definição desse construto. Tanto objeto, objeto psicológico e objeto atitudinal, referem-se simultaneamente, a tudo aquilo com que o indivíduo possa ter contato (uma pessoa, uma ideia, uma comida, uma opinião, ou outra forma de ter contato

que o indivíduo possa ter) e a atitude sempre será frente à algum objeto, ou alguma pessoa, ou ideia etc. A atitude pode ser considerada como a avaliação e posicionamento que o indivíduo terá em relação aos objetos aos quais tem contato, para que assim possa decidir se é ou não favorável a ele (Petty, Wheeler & Tormala, 2003; Neiva & Mauro, 2011). Fazio (1990) apresenta que a atitude é a junção de um objeto e uma avaliação frente esse objeto, sendo que essa avaliação se encontra armazenada na memória.

A atitude tem um papel importante para a Psicologia, recebendo atenção desde 1935, por estudiosos como Allport. Essa importância se dá devido ao fato de que os estudos sobre este construto permitiram observar que as pessoas podem apresentar ações e respostas distintas frente ao mesmo objeto. Sendo assim, acredita-se que todas as pessoas são, de certa forma, influenciadas pelos grupos sociais aos quais fazem parte, bem como por ambientes que podem determinar a manifestação de pensamentos, teorias e práticas frente aquilo que se tem contato (Kendler, 1968). Ajzen (2011) corrobora ao afirmar que a atitude vem recebendo atenção de pesquisadores desde o século passado, em especial por parte das ciências sociais, sendo considerada um dos construtos mais antigos dessa área (Ajzen, 2001).

Com o passar dos anos, o conceito atitude vem apresentando mudanças, apoiadas por diversos teóricos (Fabrigar, MAcDonald, & Wegener, 2014). Essa diversidade de definições, ainda hoje presente na teoria, já resultou em diversas críticas frente ao construto e, segundo Albarracín, Johnson e Zana (2014), o conceito de atitude ainda é considerado confuso e complicado de ser explicado. De forma geral, os construtos estudados pela psicologia dificilmente apresentam definições fechadas e aceitas por todos que o estudam e este tipo de situação leva a realização de constantes pesquisas, a fim de melhor entendê-los, o mesmo acontece com o construto atitude. Por se tratar de um

construto complexo, gera a necessidade de realização de pesquisas que auxiliem na sua melhor compreensão, fato este que justifica a realização da presente pesquisa.

Alguns fatores podem explicar essa dificuldade em conceituar esse construto e um exemplo deles, é a aplicação do termo atitude em situações distintas, e por vezes sem relação com o construto em si, no cotidiano das pessoas. Isso pode ser observado quando alguém se expressa dizendo: “Você precisa ter mais atitude!”, ou ainda, “Não gostei da sua atitude”. A palavra, quando utilizada nessas expressões se refere a um jeito ou posição do corpo, ou a uma forma de proceder ou se comportar. Segundo Brei (2002), a imprecisão do termo no cotidiano é derivada de sua origem latina, que uni os termos *actus*, que significa ação e *aptitudo*, que significa aptidão. Essa utilização variada da palavra atitude, pode gerar confusões quando o construto é apresentado.

Após a reflexão a respeito da diversidade de usos para o termo atitude, também vista no senso comum, volta-se ao conceito de atitude como construto psicológico. Uma explicação para tal confusão pode ser o fato de a atitude ser composta por uma complexa estrutura formada pela inter-relação de diferentes componentes. Essas inter-relações vêm sendo estudadas por diversos modelos teóricos no decorrer dos anos, dos quais, três deles recebem destaque, por serem utilizados por grande parte dos pesquisadores (Olson & Maio, 2006; Fazio & Olson, 2003). São eles: o Modelo Tripartido Clássico, apresentado por Rosenberg e Hovland em (1960), o Modelo Unidimensional Clássico, descrito por Fishbein e Ajzen (1975) e o Modelo Tripartido Revisto de Atitude, apresentado por Zanna e Rempel (1988).

Como apresentado, a noção tripartida da atitude, que defende que ela é formada por três componentes, (afeto, cognição e comportamento) tem uma longa trajetória (Fabrigar, MacDonald & Wegener, 2014). Em sua formação clássica, a teoria tripartida sustentava que a atitude era composta por estes três componentes que deveriam ser

consistentes entre si, ou seja, cada componente deveria apresentar a mesma carga para a avaliação do objeto (Fazio & Olson, 2003). Além disso, na visão clássica, os três componentes da atitude formavam a “anatomia” de uma atitude como pode ser visto na teoria de Rosenberg e Hovland (1960) (Fabrigar, MacDonald, & Wegener, 2014).

O modelo clássico recebeu questionamentos, tal como o fato de a atitude ser raramente operacionalizada tendo em conta esses três componentes (Tesser & Shaffer, 1990) ou pelo fato desse modelo não deixar claro como cada componente contribui para a atitude do indivíduo (Breckler, 1984). Frente a isso, autores passaram a buscar novas explicações para esse construto. Exemplo disso, é o conceito unidimensional de atitude.

A explicação unidimensional das atitudes defende que a base da atitude é a cognição. Nessa teoria, acredita-se que os sentimentos e comportamentos referentes ao objeto atitudinal provem simplesmente das crenças do indivíduo (cognição) (Fishbein & Ajzen, 1975). Monahan, Murphy e Zajonc, (2000), acreditam que não é necessário inferir os sentimentos, sendo assim, as reações afetivas frente a um objeto podem se dar partir de qualquer crença referente a ele. Um outro problema quando se pensa na atitude unidimensional, é a dificuldade encontrada para a construção de escalas que meçam atitude, uma vez que métodos fatoriais permitem verificar a dimensionalidade desse construto (Thurstone, 1946).

Segundo Zanna e Rempel (1988), estudiosos acreditavam na existência de problemas conceituais em cada forma de entender esse construto. Por esse motivo, a seguir, serão elencadas algumas das apreciações acerca do modelo clássico da atitude, realizadas principalmente por Zanna e Rempel, em um estudo realizado em 1988, que recebem destaque como percursos dessa nova visão desse construto e as sugestões feitas para o modelo revisado. Buscando comparar a definição clássica e a revisada, serão apresentadas algumas das principais mudanças entre elas.

A forma clássica de definir a atitude foi refutada por pesquisadores que demonstraram que os componentes são distinguíveis uns dos outros, que qualquer combinação deles pode formar uma atitude e que, além disso, a força e persistência de determinada atitude pode ser influenciada por essa combinação (Fabrigar, MacDonald, & Wegener, 2014). Portanto, uma atitude, de acordo com a nova visão, não consiste nesses componentes, ela é considerada como um resumo geral de avaliação das informações provenientes dessas três bases (Cacioppo et al., 1989, Crites, Fabrigar, & Petty, 1994; Zanna & Rempel, 1988). Em outras palavras, de acordo com a visão revisada, a atitude não é formada por componentes, ela é uma avaliação do objeto que é baseada em comportamentos (ou intenções de comportamentos), cognições e afetos frente ao objeto. O que na visão clássica era considerado como componente da atitude, na revisada é tido como classes de informações da atitude.

No modelo clássico, o afeto foi utilizado para descrever apenas sentimentos positivos e negativos apresentados em relação a um objeto de atitude (Rosenberg & Hovland, 1960), o comportamento foi empregado para descrever ações e respostas ao objeto e a cognição para se referir a crenças que o indivíduo tem frente ao esse mesmo objeto. De acordo com Fabrigar, MacDonald e Wegener (2014) os teóricos do modelo mais atualizado da atitude modificaram a teoria tripartida (por exemplo, Cacioppo, Petty, & Geen, 1989; Petty & Cacioppo, 1986; Zanna & Rempel, 1988). Contrastando com a definição anterior, esses estudiosos defendem que o afeto pode ser descrito como consistindo de estados emocionais específicos e distintos e não somente como “aprovação e desaprovação” (Schimmack, & Crites, 2014).

Na teoria clássica, existia uma tendência a relacionar a atitude ao comportamento, como se fosse certo que essa relação existisse em todos os casos, ou seja, acreditava-se que a atitude sempre estaria relacionada a uma ação. Apesar de essa relação ser possível

e frequente, de acordo com a revisão, ela não deve ser considerada como uma condição para a atitude, sendo assim, concluiu-se que, em determinadas situações, pode existir apenas uma intenção ao comportamento (Zanna e Rempel, 1988).

A teoria tripartida clássica, bem como a teoria unidimensional da atitude, apresentam problemas no que diz respeito ao seu conceito. Segundo os autores, não há clareza na explicação da influência de cada fator da atitude. Diante desse fato, o modelo revisado defende que cada uma das classes de informações contribui de maneira independente na expressão da atitude (Freire & Fonte, 2007). Isso significava que, a avaliação do objeto, ou seja, a atitude, é baseada em três classes de informações, que podem interagir de forma independente uma da outra. Nas conceituações mais recentes, é sugerida a possibilidade de a atitude ser formada de várias maneiras, sendo os processos cognitivos, afetivos e comportamentais os meios de formação.

Por fim, a maioria das definições de atitude referem-se a um elemento avaliativo, e em alguns casos, o caráter avaliativo da atitude é considerado análogo ao componente afetivo (Ajzen, 1984; Zajonc & Markus, 1982; Staats, 1968, citados por Zanna & Rempel, 1988), já em outras pesquisas, o componente afetivo e a atitude são apontadas como construtos diferentes (Mills et al., 1976; Abelson et al., 1982, citados por Zanna & Rempel, 1988). Zanna e Rempel (1988) esclarecem que, segundo suas observações, essa confusão se dá por conta de uma utilização muito ampla do termo “afeto”, que tem sido utilizado para qualquer pensamento ou ação que podem ser agradáveis ou desagradáveis, boas ou más, que podem ser gerados com emoções fortes ou fracas ou sem nenhum sentimento. Eles sugerem, portanto, que o uso desse termo deve ficar restrito aos casos em que as emoções ou sentimentos estão de fato presentes, e que deve ser diferente da categorização cognitiva de um objeto durante sua avaliação.

Diante dessas observações feitas por Zanna e Rempel e outros pesquisadores da atitude, apresentados anteriormente, sem deixar de reconhecer as contribuições iniciais da visão tripartida clássica e do modelo unidimensional da atitude, importantes estudiosos da atitude, como: Cacioppo, Petty, e Geen (1989); Petty e Cacioppo (1986); Zanna e Rempel (1988); Fazio (1990); Fazio (1995); Fazio et al. (1982) e Eagly e Chaiken (1993), apresentaram algumas modificações para a teoria, apresentando um conceito mais contemporâneo e que abriu margem para novas reflexões sobre o tema. Em 1988, Zanna e Rempel realizaram um estudo no qual analisaram os diferentes modelos que conceituavam esse construto e, com isso, chegaram a uma nova formulação, não tão presunçosa como as anteriores, pois se propuseram a entender e sugerir mais estudos para que a estrutura da atitude fosse melhor compreendida (Fazio & Olson, 2003).

Frente a grande quantidade de definições encontradas para a atitude, o presente estudo opta por utilizar como base as definições de Zanna e Rempel (1988) que consideram uma atitude como a categorização de um objeto por meio de uma dimensão avaliativa que pode ser baseada a partir de três classes ou fontes de informações: cognitiva, afetiva e relativas a comportamentos passados ou intenções comportamentais. Como dimensão avaliativa, os autores consideram o quanto pode ser realizada uma comparação entre o valor ou o mérito do objeto da atitude e outro objeto ou padrão. Ou seja, o mínimo de duas categorias diferentes na qual o objeto é julgado em um padrão absoluto (bom ou mal) ou em uma comparação relativa com um ou mais objetos (melhor ou pior que) (Zanna & Rempel, 1988).

Por categorização eles referem a um processo com, no mínimo, uma atividade cognitiva, nesse caso, o objeto atitudinal deve ser percebido e identificado (conhecido) em algum nível, antes de receber algum julgamento (Zanna & Rempel, 1988). Contrastando com a visão clássica tripartida da atitude, que defende que os três

componentes constituem a atitude ou são três tipos de respostas possíveis a um estímulo ou objeto (Rosenberg & Hovland, 1960), a visão mais contemporânea sustenta que uma atitude é uma entidade distinguível das classes afeto, comportamento e cognição, ou seja, uma atitude não consiste nesses elementos, mas sim em um resumo geral avaliativo das informações derivadas dessas três bases (Zanna & Rempel, 1988; Cacioppo, Petty, Losch, & Kim, 1989).

Segundo Albarracín, Johnson, Zanna e Kumkale (2014), os seres humanos reagem aos seus ambientes de maneira avaliativa, por exemplo, amando e protegendo seus parentes, esforçando-se para manter avaliações positivas de si mesmos e daqueles que estão ao seu redor, avaliam e selecionam líderes, decidem como vão gastar seu dinheiro e planejam seus futuros. Essas ações geralmente envolvem julgamentos sobre objetos, eventos, si mesmo e outros, se são favoráveis ou desfavoráveis, simpáticos ou desagradáveis, bons ou maus e, os fatores envolvidos nessas avaliações são material de investigação dos estudiosos da atitude, ou seja, se interessam pela maneira como são formadas, alteradas, representadas na memória e traduzidas em cognições, motivações e ações (Albarracín, Johnson, Zanna, & Kumkale, 2014).

As classes de informações cognitiva, afetiva e comportamental, podem ser, portanto, antecedentes da atitude bem como consequência da mesma (resposta de uma atitude) (Albarracín, Johnson, Zanna, & Kumkale, 2014; Zanna & Rempel, 1988). Isso significa que os conteúdos afetivos, cognitivos e comportamentos passados do indivíduo vão compor uma avaliação frente a um objeto, ou seja, uma atitude. Contudo, essa avaliação frente ao objeto, pode gerar sentimentos (afetivo), crenças (cognitivos) e comportamentos ou intenções de se comportar frente ao mesmo objeto. A isso se dá o nome de resposta da atitude (Albarracín et al., 2014; Zanna e Rempel, 1988).

Eagly e Chaiken (1993, 1998), estudiosos mais contemporâneos da atitude, concluíram que esses componentes representam os tipos de respostas que permitem aos pesquisadores diagnosticar atitude e que as pessoas formam atitude com base em suas respostas cognitivas, comportamentais e afetivas. Contudo, segundo Albarracín et al. (2014) independente das origens que a atitude possa ter, o termo atitude é particularmente utilizado para o que é chamado de tendências avaliativas e que estas podem ser tanto induzidas como influenciadas pelas crenças, afetos e comportamentos. Dessa forma, os mesmos autores afirmam que o afeto, as crenças (componente cognitivo) e os comportamentos interagem com a atitude, mas não considerados como parte da atitude.

Nesse modelo, a atitude surge como algo positivo ou negativo, com base no processo afetivo, raciocínio (cognitivo), e nas informações encontradas em comportamentos anteriores. Além disso, não deve haver nenhuma predominância de qualquer um dos componentes (como sugerido na teoria unidimensional que sugere que a atitude é composta apenas pelas cognições), e que eles interagem como forma de realizar uma avaliação global de um objeto atitudinal, ou seja, essa relação pode variar em momentos da vida do mesmo indivíduo ou em atitude de grupos diferentes (Zanna & Rempel, 1988).

As informações cognitivas abrangem os pensamentos, percepções, conceitos acerca do objeto, ou seja, aquilo que a pessoa sabe, ou acredita que sabe, sobre o objeto em questão. O componente cognitivo é demonstrado por meio de ideias ou conceitos, também considerado como componente informativo, o que alude à forma como o objeto atitudinal é percebido (Albarracín, 2014).

Como foi apresentado anteriormente, estudiosos defendem a atitude unidimensional, tendo como base a cognição e Zanna e Rempel (1988), não tiraram a devida importância desse componente da atitude, porém, segundo eles, quando se resume

esse construto, de forma tão generalizada como cognição, ou seja, a atitude apenas como um item do conhecimento, pode-se mascarar detalhes que os autores acreditam ser fundamentais para a compreender as implicações do conceito atitude. A fim de deixar isso mais claro, eles apresentaram uma situação como exemplo, apresentado a seguir por meio de uma tradução livre feita pela autora da tese:

Considere um pai cujo filho tenha sido morto por um motorista bêbado. Apesar do fato de que, ao responder a uma pergunta de atitude frente aos motoristas que bebem, o pai esteja envolvido na atividade cognitiva, o conteúdo de sua atitude é, com toda a probabilidade, uma intensa experiência emocional acompanhada por uma inundação de memórias contendo comportamentos e eventos do passado. (Zanna & Rempel, 1988, p. 318)

Ainda segundo esses autores, o fato de a avaliação por si só ser um item cognitivo do conhecimento não informa adequadamente ao pesquisador como essa atitude está sendo vivenciada. Eles argumentaram que, embora seja possível que um julgamento ou avaliação atitudinal dependa de crenças sobre o objeto, a atitude também pode ser sufocada por fortes emoções ou até mesmo, depender apenas das maneiras pelas quais o indivíduo se comportou no passado com o objeto da atitude (Zanna & Rempel, 1988).

As informações afetivas, por sua vez, tratam das emoções e sentimentos que o indivíduo apresenta frente ao objeto. Esse componente está associado às emoções que o indivíduo apresente frente ao objeto, podendo ser um sentimento a favor ou contra atitudinal (Krosnick, Judd, & Wittenbrink, 2014). Nas visões contemporâneas, esse componente é considerado como consistindo em estados emocionais específicos e distintos (Schimack & Crites, 2014; Fabrigar, MacDonald, & Wegener, 2014).

Por fim, o as informações comportamentais, envolvem as ações ou mesmo as intenções para agir (Fabrigar, MacDonald, & Wegener, 2014, Zanna & Rempel, 1988).

Estão relacionadas a tendência a ação, tentativa de resolver algo além de comportamentos passados que o sujeito teve frente ao objeto. Os componentes da atitude dependem uns dos outros, sendo os três inter-relacionados. Pode-se dizer que as reações emocionais influenciam as intenções de comportamento, bem como as crenças podem influenciar as emoções.

Zanna e Rempel (1988), ao discutirem as implicações do modelo da atitude, sugeriram algumas direções para as futuras pesquisas sobre o tema, a partir da consideração de que atitude se trata da avaliação baseada em três classes de informações. Dentre essas direções, está a investigação da forma como as fontes de informação se combinam e interagem para formar avaliações globais (atitude) e, pelo fato do modelo sugerir que a atitude pode ser baseada em diferentes fontes de informações, eles indicam a importância da investigação se a atitude é moderada ou, de algum modo influenciada, em função da fonte que é baseada. Eles questionam, por exemplo, se a atitude baseada em diferentes fontes de informações diferencia o comportamento do sujeito.

Todas as informações apresentadas até o momento possibilitam a conclusão de que todos os indivíduos reagem ao seu ambiente por meio de uma avaliação, ou seja, as pessoas amam e protegem seus familiares, gastam esforços para manter uma avaliação positiva de si mesmo e daqueles que estão à sua volta, avaliam o quanto o outro é atrativo para ele, decidem por meio da avaliação como irão gastar seu tempo e como planejarão seus futuros. De acordo com Chaiken, Wood e Eagly (1996, p. 269), a “atitude é uma tendência psicológica que é expressa pela avaliação de uma entidade em particular com algum grau de favor ou desfavor”.

Portanto, o estudo da atitude permite entender fatores envolvidos nessas avaliações, como elas são formadas e alteradas, bem como são representados na memória e traduzidos em cognições, motivações e ações (Albarracín, Johnson & Zanna, 2014). De

acordo com Perloff (2017), a atitude se trata de um construto psicológico, como uma entidade emocional e mental que é inerente as pessoas ou pode caracterizá-las. Sendo assim, é possível inferir que a atitude pode influenciar na postura que as pessoas podem apresentar diante de diferentes situações, ou seja, a atitude pode estar relacionada a maneira como futuros profissionais irão agir diante das demandas da sua profissão.

Uma vez que o foco da presente pesquisa é verificar a atitude de universitários de psicologia frente à sua futura profissão, por meio da construção de uma escala de atitude, torna-se indispensável a apresentação de estudos que relacionem a atitude a atuação profissional. A apresentação dos artigos a seguir busca demonstrar quanto a avaliação feita do objeto pode influenciar na postura que o profissional terá diante deste.

A fim de encontrar pesquisas sobre o construto atitude, foi realizada uma busca no Portal Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), em abril de 2019 com o objetivo de encontrar pesquisas sobre o construto atitude. Para tal, não foi estipulado limite de ano de publicação e foram utilizadas as seguintes palavras-chaves: “atitude e atuação profissional”, “atitude e profissão”, “atitude e atuação do psicólogo”, “atitude e psicólogo” e “atitude e formação”. As buscas resultaram, respectivamente, em 893, 677, 155, 398 e 2.675. Apesar da grande quantidade de artigos encontrados, muitos deles não estão diretamente relacionados com o estudo em questão. Portanto, foram selecionados alguns dos que melhores se enquadram ao foco da pesquisa.

Espinoza-Venegas, Luengo-Machuca e Sanhueza-Alvarado (2016), realizaram uma pesquisa sobre atitude de profissionais de saúde. O objetivo específico foi de verificar a atitude frente aos cuidados no fim da vida por enfermeiros, determinando fatores sócio-demográficos, emocionais, comportamentais e profissionais de treinamento que mais exerçam influência sobre isso. Participaram da pesquisa 308 enfermeiros, de

ambos os sexos, trabalhadores de centros de saúde públicos da região Bío Bío, no Chile, que trabalhavam com cuidados paliativos. Foram utilizadas uma escala de atitude para o cuidado no final da vida, de Frommelt (2003), composta por 30 itens *likert*, de 1 a 5 pontos e uma escala de inteligência emocional (Trait Meta Mood Scale – TMMS-24), composta por 24 itens *likert*, de 1 a 5 pontos.

Os resultados demonstraram a existência de atitudes mais favoráveis frente ao cuidado no final da vida ( $M=4,14$ ;  $DP=0,34$ ), que a idade dos enfermeiros está diretamente relacionada a pontuação na escala, ou seja, os mais velhos apresentaram atitudes mais favoráveis ( $r = 0,223$ ;  $p < 0,001$ ). A associação entre a atitude e a inteligência emocional dos enfermeiros demonstrou uma correlação positiva entre as dimensões: compreensão ( $r = 0,232$ ;  $p < 0,000$ ) e regulação emocional ( $r = 0,221$ ;  $p < 0,000$ ), o que significa que quanto mais a compreensão e regulação emocional, mais favorável é a atitude frente ao cuidado no fim da vida. As análises de regressão múltipla apontaram para 4 variáveis que explicam em 38% a variância da variável dependente: atitude frente ao cuidado no fim da vida. A variável que apresentou maior influência na atitude foi o “medo da morte”, o que indica que este medo pode influenciar de forma negativa na atitude. Os autores concluíram que a formação dos profissionais deve incluir orientação e educação da atitude frente a morte além de apontarem para a necessidade de auxílio para o enfrentamento emocional para o cuidado no final da vida (Espinoza-Venegas, Luengo-Machuca & Sanhueza-Alvarado, 2016).

Botti, Araújo, Costa e Machado (2015) realizaram um estudo com estudantes de enfermagem com o objetivo de verificar suas atitudes frente ao comportamento suicida após um curso de capacitação realizado sobre o tema. Para alcançar o objetivo, 58 estudantes de uma universidade do interior do estado de Minas Gerais, que passaram por um curso de extensão universitária intitulado “Comportamento Suicida”. Foi aplicado no

início e término do curso o Questionário de Atitudes frente ao comportamento suicida de Botega et al (2005). Dos três fatores que compõem o questionário, os resultados apontaram para diferenças significativas no que diz respeito ao fator 1 da escala, que corresponde à sentimentos para com o paciente com comportamento suicida ( $p < 0,05$ ). Os outros dois fatores (percepção de competência profissional e direito ao suicídio) não apresentaram diferenças significativas antes e após a intervenção.

Os autores concluíram que a intervenção foi eficiente na capacitação dos alunos por meio de esclarecimentos e informações a respeito do que é suicídio, e que isso pode ter influenciado de forma positiva na mudança de algumas atitudes desses estudantes, uma vez que as atitudes negativas podem revelar falta de conhecimento sobre o assunto. Além disso, os autores acreditam que a mudança de atitudes dos estudantes frente ao tema pode oferecer uma importante contribuição para a detecção precoce de pessoas em risco de suicídio além de levar a uma melhor gestão da situação (Botti et al, 2015).

Omote et al. (2005) relatam em seu artigo um estudo a respeito da atitude em relação à inclusão escolar de alunos com necessidades especiais. Para isso, participaram do estudo 56 alunos do Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM), que passaram por técnicas de modificação de atitudes sociais, por meio de atividades focadas no tema inclusão, no formato de um curso de 14 horas, divididos em sete encontros semanais. Os participantes responderam a Escala Likert de Atitudes Sociais em relação à Inclusão (ELASI) antes e depois da intervenção. Os autores defendem a importância da atitude no contexto escolar e que a atitude do professor pode interferir na forma como será realizada a inclusão dos alunos com necessidades especiais. Os resultados apontam que os resultados do pós-teste são significativamente maiores do que os do pré-teste e concluem que a atitude dos professores do Ensino Fundamental frente à inclusão, se torna mais favorável e que, pode ser alterada com uma breve

intervenção. Além disso, discutem que o currículo de formação do professor deve incluir atividades que sejam capazes de modificar suas atitudes.

Uma pesquisa descritiva a respeito da formação do enfermeiro e sua relação com o fenômeno das drogas foi produzida por Carraro, Rassool e Luis (2005), que apresentaram uma discussão sobre as crenças e atitudes desses universitários frente ao cuidado que deve ser dado a esse fenômeno. O estudo contou com a participação de 105 alunos de enfermagem que responderam a um instrumento composto por uma escala de atitudes e crenças dos enfermeiros frente ao alcoolismo e drogas.

Os resultados mostraram que os alunos da amostra concordam que o conhecimento sobre esse tema é importante para o exercício de sua profissão. Contudo, o estudo também apresentou alguns pontos fracos da formação dos enfermeiros, como a desarticulação entre teoria e prática, justificado pelo fato de os alunos receberem em sua formação conteúdos centrados no modelo médico, que classifica as pessoas que se envolvem com substâncias psicoativas com doentes. Outro ponto negativo está relacionado ao modelo moral notado entre os alunos, que se referiram de forma negativa aos clientes que fazem uso de álcool ou outras drogas, mostrando que os alunos não estão sendo preparados de acordo com os avanços dos estudos dessa área. A maneira como os professores abordam o tema, muitas vezes demonstrando a descrença na recuperação desses clientes, foi também apontando com um fracasso na formação. Sendo assim, concluem que a universidade não pode ignorar as necessidades da sociedade em que se insere (Carraro, Rassool & Luis, 2005). Esse estudo apresenta como reflexão a importância de se ter atitudes mais positivas e crenças mais humanizadas frente ao tratamento de pacientes envolvidos com álcool e outras drogas.

Tais pesquisas apontam para uma relação entre a atitude e a postura das pessoas, com ênfase na profissional, sugerindo a importância do estudo desse construto neste

contexto. Sabe-se que mudar a formação em si, as grades curriculares e o que é proposto pelas universidades é considerado uma tarefa muito difícil e, por este motivo, estudar a atitude, uma variável que está relacionada a postura que o estudante poderá conduzir suas práticas profissionais e à possíveis ações que ele pode apresentar diante da sua atuação profissional, pode ser uma alternativa mais viável para alcançar mudanças e melhorias para esses profissionais.

O profissional da psicologia está inserido nas mais diversas realidades sociais dos dias atuais. Ele atua em hospitais e instituições de saúde em geral, em consultório, escolas e instituições de ensino, nas empresas, entre outras demandas. De acordo com Antunes (2012), a psicologia como ciência tem desempenhado um importante papel social tanto nas áreas do conhecimento, por auxiliar no entendimento das dificuldades humanas, como no que diz respeito à sua ampla atuação para intervir nessas dificuldades.

## **Psicologia e Atuação do Psicólogo**

Ao tratar-se da Psicologia, não é difícil encontrar sua caracterização em meios acadêmicos e profissionais, por meio dos termos ciência e profissão. Como ciência, a Psicologia tem sido sustentada pela sua diversidade de métodos de investigação e de modelos teóricos, que tem demonstrado seu funcionamento, por meio da verificação de fenômenos psicológicos e da reflexão teórica sobre eles. Contudo, além de ciência, a Psicologia tem vinculada a ela a possibilidade de atuação, ou seja, associada a abordagem científica, existe uma profissão que permite a intervenção dos psicólogos na sociedade (Cruz, 2016).

Dentre os assuntos investigados pelos psicólogos estão: personalidade, hereditariedade, comportamento, cognição, processos de aprendizagem, percepção, consciência, memória, pensamento, desenvolvimento, bases fisiológicas do comportamento, emoção, inteligência, entre outros. A Psicologia pode ser aplicada em diversas áreas, como na indústria e educação, por exemplo.

A fim de apresentar uma breve contextualização histórica da Psicologia como profissão no Brasil, serão expostos alguns dos principais documentos que iniciaram esse percurso. A profissão do psicólogo foi regulamentada no Brasil no ano de 1962, por meio da aprovação da Lei nº 4.119 e pela emissão do Parecer 403 do Conselho Federal de Educação, no qual ficaram estabelecidas informações referentes à duração do curso universitário em Psicologia e também do currículo a ser utilizado (Brasil, 1962; Lisboa & Barbosa, 2009; Pereira & Pereira Neto, 2003). Em 1971 o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicologia foram criados, por meio da Lei nº 5.766 (Brasil, 1971).

Por conta da criação do primeiro Código de Ética dos psicólogos em 1975, pode-se dizer que nos anos 1970, a Psicologia alcançou todos os requisitos necessários para que pudesse ser considerada como uma profissão, sendo eles: conhecimento pouco acessível e institucionalizado, um mercado de trabalho garantido e a regulamentação da profissão, obtida por meio dos conselhos e do código de ética (Pereira & Pereira Neto, 2003). A profissão de psicólogo pode ser exercida por pessoas que completem o curso de graduação em Psicologia e se registrem no órgão profissional competente. De acordo com a Lei 4.119, o exercício dessa profissão está relacionado ao uso de métodos e técnicas da Psicologia (privativas do psicólogo), com o objetivo de realizar diagnósticos psicológicos, orientação e seleção profissional, orientação psicopedagógica e solução de problemas de ajustamento.

Pereira e Pereira Neto (2003) apontam que a década de 1970 foi marcada por grande crescimento na quantidade de profissionais formados em Psicologia, devido ao aumento dos cursos de formação particulares e também da procura das pessoas pelo trabalho dos psicólogos. Desde essa época, é notada a preocupação com a qualidade da formação do psicólogo, o que pode ser visto por meio de diversos estudos e debates realizados sobre esse enfoque (Langenbach & Negreiros, 1988; Lisboa & Barbosa, 2009; Pereira & Pereira Neto, 2003).

O objetivo da formação universitária, de acordo com Gondim (2002), é de preparar o sujeito para ser um profissional que poderá então ser inserido na sociedade para prestar seus serviços e criar uma identidade profissional. Destaca-se a importância do período de graduação para a formação da identidade profissional. Segundo a autora, o aluno inicia a graduação com uma fantasia a respeito da carreira escolhida, é exposto por um vasto conhecimento, podendo chegar a uma visão mais realista do que realmente se trata ser um profissional.

Segundo Uvaldo (1995), o período de graduação pode gerar conflitos ao indivíduo que passa por ela, desde o seu início, quando precisa se adaptar ao curso e à vida universitária, até seu término, quando surge a insegurança por deixar de ser estudante, insegurança para se inserir no mercado de trabalho, sensação de falta de preparo para exercer a profissão. No que diz respeito especificamente à formação do psicólogo, Witter e Ferreira (2010) relatam que é necessário que essa formação acompanhe as constantes mudanças do mercado de trabalho e da população. A profissão e formação em Psicologia têm recebido caracterizações e análises quanto as suas direções, por pesquisas realizadas em conjunto com o Conselho Federal de Psicologia e também por estudos realizados por diversos autores (Guareschi et al., 2010).

A década de 1980, de acordo com Rocha Junior (1999), é tida como um período de calma no que se refere à formação, na qual foram vistas poucas mudanças no que diz respeito currículos dos cursos de Psicologia. A década de 90, por sua vez, é caracterizada por uma intensa mobilização com foco nos debates relativos às necessidades de mudanças no quesito formação. A partir dessas discussões, ações foram tomadas até que foi possível, em 1999, realizar a apresentação de uma minuta de resolução com as Diretrizes Nacionais Curriculares para Psicologia. Essa minuta permanece praticamente intacta na sua versão definitiva, aprovada pela Resolução CNE/CES nº 8, de 07/05/2004 (Brasil, 2004).

Contextualizando, atualmente, as definições para os currículos de psicologia são sustentadas pelas Diretrizes Nacionais Curriculares (DNC). As DNC apresentam orientações para os cursos de graduação do Brasil e passaram a ser utilizadas a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), por meio do Edital nº 04/1997, do Ministério da Educação, que garantem que cada curso de graduação do país seria regido

por uma DNC específica, baseada nos perfis normativos bem como nas competências e habilidades tidas como indispensáveis para que esses perfis fossem alcançados.

As Diretrizes Nacionais Curriculares para o curso de psicologia (DNCP) foram instituídas por meio da resolução nº 8, de 7 de maio de 2004. Neste documento, foram apresentadas orientações a respeito dos princípios, condições de oferecimento, fundamentos e procedimentos para a realização de planejamentos, implementação e avaliação do curso de psicologia. De acordo com essa resolução, o curso de graduação em Psicologia deve ter como foco a formação do psicólogo direcionada para a atuação profissional (foco desta pesquisa), para a pesquisa e para o ensino de Psicologia.

Segundo Lima e Souza (2014), a aprovação das DNCP em Psicologia levou a se pensar na implementação de uma nova forma de visão para a formação desses profissionais, com o intuito de superar incertezas e inquietações vividas sobre o tema. Apesar disso, os autores relatam que apesar da esperança gerada, também foram levantados questionamentos sobre sua aplicação e como seria traduzida em novos projetos pedagógicos.

Desde então, foram apontadas falta de clareza no que diz respeito à formação de professores de Psicologia, o que levou a construção do Parecer CNE/CES nº338, aprovado em 2009, no qual foram então apontadas à necessidade de uma alteração nas DCNP de 2004 (Brasil, 2009). Porém, ao invés de uma modificação, foi considerado que o mais correto seria reeditar as Diretrizes de 2004 e extinguir a Resolução anterior. Com isso, a Resolução CNE/CSE nº5, foi aprovada em 2011, instituindo a DNCP, contendo maiores informações para a formação do professor de Psicologia.

Essa resolução, conforme é apresentado no seu artigo 2º, é composta por orientações sobre os princípios, fundamentos e condições de oferecimento e procedimentos para o planejamento, implementação e avaliação do curso de Psicologia

(Brasil, 2011). De acordo com Damasceno et al (2016), as orientações oferecidas neste documento, tem como base o perfil do profissional que será formado, buscando demonstrar as competências e habilidades fundamentais para que o futuro profissional atenda ao perfil exigido.

Antes de iniciar a apresentação das Diretrizes Nacionais Curriculares do curso de Psicologia, cabe explicar o que motivou a elaboração de tal documento. O foco desta pesquisa é a atuação do profissional de Psicologia, contudo, ao se pensar na caracterização deste profissional, se torna inevitável explorar questões referentes à sua formação. A justificativa se dá pelo fato de que é na sua graduação que o profissional é “lapidado”, ou seja, é quando são desenvolvidas as características necessárias para sua atuação profissional. Desta forma, as Diretrizes Nacionais Curriculares do curso apresentam características importantes, às quais se espera que sejam apresentadas por um bom profissional.

Após breve esclarecimento, as DNCP serão apresentadas, a fim de apresentar o que se é esperado do profissional de Psicologia. De acordo o artigo 3º da DNCP, os cursos de graduação em Psicologia devem garantir uma formação baseada nos princípios e compromissos apresentados a seguir:

- I) Construção e desenvolvimento do conhecimento científico em Psicologia;
- II) Compreensão dos múltiplos referenciais que buscam apreender a amplitude do fenômeno psicológico em suas interfaces com os fenômenos biológicos e sociais;
- III) Reconhecimento da diversidade de perspectivas necessárias para compreensão do ser humano e incentivo à interlocução com campos de conhecimento que permitam a apreensão da complexidade e multideterminação do fenômeno psicológico;
- IV) Compreensão crítica dos fenômenos sociais, econômicos, culturais e políticos do País, fundamentais ao exercício da cidadania e da profissão;

- V) Atuação em diferentes contextos considerando as necessidades sociais e os direitos humanos, tendo em vista a promoção da qualidade de vida dos indivíduos, grupos, organizações e comunidades;
- VI) Respeito à ética nas relações com clientes e usuários, com colegas, com o público e na produção e divulgação de pesquisas, trabalhos e informações na área da Psicologia;
- VII) Aprimoramento e capacitação contínuos (Brasil, 2011).

Após apresentação de princípios que devem ser oferecidos pelos cursos, a DNCP expõe habilidades e competências gerais, consideradas fundamentais para o exercício da profissão. Mais uma vez, se torna necessário ressaltar que é papel do curso oferecer ferramentas necessárias para que tais competências sejam adquiridas e para que estas habilidades sejam desenvolvidas. Nesta pesquisa, contudo, o foco é o resultado disso, ou seja, as competências e habilidades gerais as quais espera-se que o profissional apresente após o término da sua formação. São elas:

- I) Atenção à saúde;
- II) Tomada de decisões;
- III) Comunicação;
- IV) Liderança;
- V) Administração e gerenciamento
- VI) Educação permanente (Brasil, 2011).

As competências dizem respeito a desempenhos e atuações esperadas para o formado em Psicologia. De acordo com o artigo 8º das DNCP, essas competências devem garantir que o profissional tenha o domínio mínimo de conhecimentos psicológicos e competência para utilizá-las em situações que necessitem de investigação, análise, avaliação, prevenção e atuação em processos psicológicos e psicossociais bem como na promoção da qualidade de vida.

De acordo com o Art. 8º da DNCP, as competências dizem respeito a desempenhos e atuações exigidas aquele que se forma em Psicologia. É necessário que o profissional domine os conhecimentos psicológicos e seja capaz de utilizá-los nas

diversas situações que exigem a investigação, análise, avaliação, prevenção e atuação em processos psicológicos e psicossociais e na promoção da qualidade de vida. São descritas 15 competências, fundamentais ao formado em Psicologia, as primeiras são as seguintes: I) analisar o campo de atuação profissional e seus desafios contemporâneos; II) analisar o contexto em que atua profissionalmente em suas dimensões institucional e organizacional, explicitando a dinâmica das interações entre os seus agentes sociais; III) identificar e analisar necessidades de natureza psicológica, diagnosticar, elaborar projetos, planejar e agir de forma coerente com referenciais teóricos e características da população-alvo; IV) identificar, definir e formular questões de investigação científica no campo da Psicologia, vinculando-as a decisões metodológicas quanto à escolha, coleta e análise de dados em projetos de pesquisa; V) escolher e utilizar instrumentos e procedimentos de coleta de dados em Psicologia, tendo em vista a sua pertinência (Brasil, 2011).

Dando continuidade, as próximas competências apresentadas são: VI) avaliar fenômenos humanos de ordem cognitiva, comportamental e afetiva, em diferentes contextos; VII) realizar diagnóstico e avaliação de processos psicológicos de indivíduos, de grupos e de organizações; VIII) coordenar e manejar processos grupais, considerando as diferenças individuais e socioculturais dos seus membros; IX) atuar inter e multiprofissionalmente, sempre que a compreensão dos processos e fenômenos envolvidos assim o recomendar; X) relacionar-se com o outro de modo a propiciar o desenvolvimento de vínculos interpessoais requeridos na sua atuação profissional; XI) atuar, profissionalmente, em diferentes níveis de ação, de caráter preventivo ou terapêutico, considerando as características das situações e dos problemas específicos com os quais se depara; XII) realizar orientação, aconselhamento psicológico e psicoterapia; XIII) elaborar relatos científicos, pareceres técnicos, laudos e outras

comunicações profissionais, inclusive materiais de divulgação; XIV) apresentar trabalhos e discutir ideias em público e XV) saber buscar e usar o conhecimento científico necessário à atuação profissional, assim como gerar conhecimento a partir da prática profissional (Brasil, 2011).

Essas competências, devem ser apoiadas nas seguintes habilidades: I) levantar informação bibliográfica em indexadores, periódicos, livros, manuais técnicos e outras fontes especializadas através de meios convencionais e eletrônicos; II) ler e interpretar comunicações científicas e relatórios na área da Psicologia; III) utilizar o método experimental, de observação e outros métodos de investigação científica; IV) planejar e realizar várias formas de entrevistas com diferentes finalidades e em diferentes contextos; V) analisar, descrever e interpretar relações entre contextos e processos psicológicos e comportamentais; VI) descrever, analisar e interpretar manifestações verbais e não verbais como fontes primárias de acesso a estados subjetivos; VII) utilizar os recursos da matemática, da estatística e da informática para a análise e apresentação de dados e para a preparação das atividades profissionais em Psicologia (Brasil, 2011).

Neste ponto, cabe ressaltar que o foco do presente estudo não é a formação do futuro psicólogo, mas sim, entender a predisposição de que cada aluno apresenta para formar ou não tais habilidades, por meio da avaliação da sua atitude frente à atuação do psicólogo. Optou-se por utilizar as informações apresentadas na DNCP, uma vez que se referem ao que se espera do profissional formado. Portanto, espera-se que o psicólogo formado apresente tais habilidades e competências, desenvolvidas no decorrer de sua formação.

Devido as diversas possibilidades de atuação do psicólogo, a formação em Psicologia deve ser diferenciada em ênfases curriculares, caracterizadas como um conjunto delimitado e articulados de competências e habilidades que permitem a

concentração de estudos e estágios em determinado domínio da psicologia (Brasil, 2011). Dentre as possíveis ênfases para o curso de psicologia estão: I) Psicologia e processos de investigação científica; II) Psicologia e processos educativos; III) Psicologia e processos de gestão; IV) Psicologia e processos de prevenção e promoção de saúde; V) Psicologia e processos clínicos e VI) Psicologia e processos de avaliação diagnóstica.

Em se tratando da formação do psicólogo e das DNCP, estas tem recebido a atenção de vários estudiosos que apresentam suas visões sobre o tema e algumas delas serão apresentadas a seguir. Damasceno et al (2016) realizaram uma discussão acerca da formação do psicólogo, utilizando como base os principais processos históricos relacionados à regulamentação da profissão e das DCNP de 2011. Além disso, se propuseram a analisar o Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso de psicologia de uma universidade pública. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica exploratória, que se fundamentou em produções sobre a história da psicologia, como normas que regulamentam a profissão, Resoluções e pareceres do Conselho Nacional de Educação, entre outros. O artigo apresenta um apanhado da história da psicologia e da formação do psicólogo de forma coerente e clara.

Como resultados, apontam que as Diretrizes permitiram que avanços fossem alcançados na formação. Sobre os PPP, ressaltam a importância de se avaliar se estão de fato contribuindo para a formação de psicólogos capazes de analisar e intervir sobre a realidade nas diversas opções de atuação. Por fim, em se tratando do PPP analisado em específico, concluíram que este é organizado de acordo com as Diretrizes, mas que ainda apresenta pontos a serem melhorados. Os autores concluem que algumas das críticas recebidas pela psicologia está relacionada às dificuldades que o psicólogo tem para trabalhar com profissionais de outras áreas ou mesmo em considerar diferentes contextos que pode ser inserido.

Nesse sentido, as DNCP apresentam uma alternativa para essas críticas, que é o investimento em ambientes de formação e aprendizagem mais voltados para a interação inter e multiprofissional, além de contemplar uma análise de vários contextos em que o psicólogo pode atuar. Apesar disso, a alternativa apresentada está diretamente relacionada à discussão sobre currículo, que abrange diversos aspectos, como organização didática pedagógica, corpo docente, dentre outros. Sendo assim, os autores concluem não basta a regulação por meio da DCNP nem um PPP inovador se o currículo não for congregado pela instituição e seus atores, permitindo que constantes mudanças no pensar sejam realizadas (Damasceno et al, 2016).

Souto, Batista e Batista (2014), fizeram um estudo focando os atuais currículos de graduação em Psicologia e as experiências práticas realizadas no contexto do Sistema Único de Saúde. O estudo teve como objetivo investigar a proposta de educação interprofissional proposto pelo Projeto Político Pedagógico, oferecido pela UNIFESP, campus Baixada Santista, no que se refere à formação em Psicologia. Para atingir o objetivo, utilizou-se o Questionário RIPLS (*The Readiness for Interprofessional Learning Scale*) e a análise de dados secundários. Os resultados apresentaram que os alunos reconhecem a importância de uma educação interprofissional na graduação e os autores concluem que esse tipo de educação é relevante para o preparo do psicólogo para o cuidado em saúde, isso por que a educação interprofissional potencializa o desenvolvimento de competências relacionadas à comunicação, práticas colaborativas, cuidado com o sujeito bem como à comunicação interprofissional.

Cury e Neto (2014) realizaram uma pesquisa a fim de averiguar as transformações ocorridas nos estágios curriculares em psicologia, desde que a profissão foi regulamentada, seguindo do currículo mínimo até as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de psicologia no nível de graduação. Foi realizada uma análise de

documentos da área, entre os anos de 1962 e 2004, que foram considerados como importantes para o período. Nesse período de tempo, foram utilizados oito documentos governamentais ou de entidades que o representam, tendo como critério a relevância e contexto histórico. Os documentos utilizados foram retirados do *site* da Associação Brasileira de Ensino Superior de Psicologia (ABEP), tendo como critério de relevância a utilização de documentos relacionados ao Currículo Mínimo e as Diretrizes.

Os resultados obtidos foram divididos em três períodos de tempo, o primeiro, contando com três documentos, foi denominado “período inaugural” e foi composto pelos primeiros documentos responsáveis pela normatização da profissão e formação, do ano de 1962. Ao segundo período, chamado de “construindo consensos”, foram designados dois documentos datados da década de 1990, que traziam grande debates sobre os princípios e diretrizes vigentes na mudança curricular. Por fim, o terceiro período recebeu o nome de “Diretrizes Curriculares: embates e definições” e foi composto por três documentos contendo debates acerca das diretrizes e de sua redação final (Cury & Neto, 2014).

Os autores concluem que que as análises mostraram mudanças e novidades relacionadas à trajetória entre o Currículo Mínimo e as Diretrizes Curriculares. Notaram uma tensão no que diz respeito à relação entre teoria e prática ainda presente, uma vez que para alguns docentes, que se formaram no modelo de Currículo Mínimo, a prática ainda é fundamentada com base na teoria. Em compensação, foi percebido que, principalmente nos cursos particulares, nos quais ainda pouco é investido em pesquisa, existe um risco de que aconteçam construções de modos de ação sem o devido apuro dos conceitos. Nesse sentido, defendem que nesse caminho dos conteúdos para as competências em si, não é interessante que haja um abandono da teoria, dando ênfase à prática, mas sim que exista uma relação positiva entre ambas, teoria e prática, levando a

um esforço simultâneo da prática acadêmica rumo ao aperfeiçoamento da formação (Cury & Neto, 2014).

Os estudos apresentados apontam para possibilidades de melhorias na formação do psicólogo no Brasil. A Psicologia, assim como outras ciências, precisa se manter atualizada e carece de constantes pesquisas direcionadas a sua evolução e prática, sobre possíveis mudanças na sociedade e sobre características daqueles que a procuram como profissão. O que os alunos ingressantes e o que os egressos conhecem sobre a Psicologia? O que eles sentem e pensam em relação à atuação do psicólogo? Que crenças carregam quando ingressam e quando saem dos cursos? A formação está capacitada para levar o aluno a uma compreensão mais realista da atuação desse profissional? São alguns questionamentos que podem ser realizados sobre a formação do psicólogo bem como sobre características dos estudantes desse curso. A atual pesquisa não se propõe a responder todas estas perguntas, mas, acredita-se que por meio do estudo das atitudes, seja possível compreender melhor estes questionamentos.

Sendo assim, será dada a devida atenção a atitude, que se trata de uma avaliação que o indivíduo faz diante de situações e objetos e que pode ser baseada em informações afetivas, cognitivas e comportamentais, como será explanado mais à frente. A atitude é muito utilizada para explicar comportamentos humanos e, por ser considerada como uma avaliação, ela pode determinar como o indivíduo vai se portar, tomar decisões e se posicionar quando se depara com diversos tipos de situações, ou pessoas e objetos e, em consequência dela, é possível avaliar sentimentos, escolhas e comportamentos (Colares et al, 2001).

De acordo com Souza Filho, Oliveira e Lima (2006), verificar como a prática profissional é percebida pelas pessoas é necessário em qualquer área de atuação, já que isso permite reconhecer os aspectos positivos e negativos da prática em questão, tanto no

que diz respeito ao seu processo de formação quanto o que diz respeito ao exercício dessa profissão propriamente dita. Sabendo disso, avaliar as atitudes dos universitários frente a sua futura profissão, mais especificamente, frente profissão do psicólogo, permitirá entender melhor como eles estão se relacionando com sua futura profissão, além de permitir inferir possíveis posturas que ele terá quando profissional.

Segundo Neiva e Mauro (2011), por meio do conhecimento das atitudes é possível saber com as pessoas pensam, reagem ou se sentem diante de determinados eventos ou situações. Ademais, saber como se sentem, o que conhecem e quais comportamentos já tiveram ou pretender ter pode auxiliar na criação de estratégias que auxiliem na mudança de atitudes e o desenvolvimento de atitudes mais positivas do frente à sua formação e assim prepará-lo melhor para uma atuação profissional de qualidade, tornando-o mais predisposto para atuar na sua área.

Portanto, sendo a atitude a avaliação que a pessoa faz de um determinado objeto que pode culminar em sentimentos, ações e crenças, podendo estar relacionada a postura profissional, e a Psicologia uma área que exerce uma função social de muita relevância na sociedade, o objetivo da presente pesquisa é de construir um instrumento com evidências de validade e fidedignidade que possa avaliar as atitudes dos estudantes de psicologia frente à sua futura profissão. As evidências de validade da EAAPsi serão buscadas por meio da análise de juízes, análise semântica, Análise Fatorial Exploratória e Confirmatória, correlação de *Pearson* e a fidedignidade será obtida por meio dos coeficientes de alfa de *Cronbach*. De acordo com virtudes e forças de caráter, descritos na sessão a seguir, acredita-se que existe uma associação positiva entre o construto atitude e forças de caráter.

## Virtudes e forças de caráter

Por muitos anos, os estudos realizados na Psicologia como ciência, tiveram como foco questões consideradas como “negativas” do ser humano, ou seja, estudava-se, principalmente, assuntos relacionados à doença, deixando em segundo planos discussões relacionadas a saúde e bem-estar (Scorsolini-Comin & Santos, 2010). Pode-se dizer que tal fenômeno se deu, devido às necessidades da época, desde a Segunda Guerra Mundial, o foco emergencial da Psicologia esteve relacionado ao sofrimento e a cura, e, conseqüentemente, negligenciando as pessoas realizadas e a comunidade prospera (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000).

A partir da década de 1990, os estudos relacionados às emoções positivas passaram a receber maior ênfase na Psicologia. Essa mudança de foco acontece quando Martin Seligman torna-se presidente de *American Psychological Association*, em 1998 (Dametto, 2017). Seligman preconizou a importância de que o objeto de estudos da Psicologia não fosse somente os aspectos negativos do ser humano, como doenças, danos e fraquezas, dando ênfase a questões relacionadas ao bem-estar da pessoa. Desde então, uma nova tendência passa a ganhar destaque dentro da Psicologia, sendo conhecida como Psicologia Positiva, que teve como objetivo estimular a realização de estudos sobre qualidades e características consideradas positivas do ser humano, focando em promoção de saúde e prevenção (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000).

Desta forma, o movimento da Psicologia Positiva surge como uma ferramenta para equilibrar os estudos psicológicos, sugerindo a importância de se investigar tanto as qualidades quanto os defeitos das pessoas (Snyder & Lopez, 2009). O campo da Psicologia Positiva possui três bases para investigação científica, a saber: estudos das emoções positivas; estudos dos traços e qualidades positivas, destacando-se as virtudes e forças de caráter; e, estudos das chamadas instituições positivas (Seligman &

Csikszentmihalyi, 2000). Cabe ressaltar que esta pesquisa tem como objetivo compreender as qualidades positivas, mais especificamente as virtudes e forças de caráter e sua relação com a atitude de estudantes de Psicologia frente à atuação do psicólogo.

As virtudes e forças de caráter são um dos meios de expressão das qualidades positivas do ser humano. As virtudes são consideradas como características positivas do ser humano, que recebem ênfase por serem utilizadas para resolução de tarefas fundamentais para a sobrevivência humana, e que utiliza as forças de caráter como caminho para alcançar tais virtudes (Peterson & Seligman, 2004). A virtude é considerada, de acordo com Cawley, Martin e Johnson (2000), como a qualidade que cada pessoa tem e que o direciona a fazer o que é correto, sendo considerada como uma base de princípios e bem-estar moral.

A concepção do que é considerado virtude para a Psicologia Positiva se deu partir da leitura de textos básicos de todas as religiões e filosofias de vida que influenciaram os pensamentos da humanidade em sua história, como é o caso do Taoísmo na China, Judaísmo na Grécia antiga, o Hinduísmo e Budismo, presentes no Sul da Ásia, bem como o Islamismo, presente no Oriente Médio, Peterson e Seligman (2004), realizaram um agrupamento de informações sobre o conceito de virtude. Os autores verificaram que a cultura pode interferir no significado de certas características e, diante disso, buscaram casos em que se percebeu que as semelhanças entre as culturas eram mais fortes que as diferenças. Como consequência, identificaram seis virtudes fundamentais, a saber: Sabedoria, Coragem, Humanidade, Justiça, Temperança e Transparência (Tabela 1).

As forças de caráter são consideradas como características positivas, explícitas por meio de sentimentos, comportamentos e pensamentos. São vistas como o caminho pelos quais se é possível alcançar tais virtudes (Seligman, 2009), ou seja, cada uma das virtudes humanas é composta por determinadas forças de caráter. Tais forças, podem ser

desenvolvidas por todas as pessoas e, colocá-las em prática, torna o ser humano virtuoso (Park, Peterson, & Seligman, 2004; Seligman, 2009).

Peterson e Seligman (2004), desenvolveram um modelo classificatório de virtudes e forças de caráter, chamado *Values in Action (VIA) Classification of Strengths*, considerado como uma forma de se categorizar os pontos fortes do caráter e medi-los, no decorrer da vida, permitindo se identificar as virtudes e seus aspectos positivos. A fim de contrapor o que é proposto no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) da *American Psychiatric Association* e à Classificação Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial de Saúde, o VIA é tido como um “manual de sanidades”, e tem como foco as qualidades das pessoas, admitindo que as virtudes e forças baseiam a condição humana, em especial, no que tange aspectos fortes de caráter que proporcionam uma condição psicológica positiva (Peterson & Seligman, 2004). De acordo com a classificação VIA, são consideradas 24 forças, organizadas em seis virtudes, como pode ser visto na Tabela 1.

**Tabela 1**

*Descrição das Forças e Virtudes*

Virtudes	Descrição Breve	Forças	Descrição Breve
<i>Sabedoria e Conhecimento</i>	Capacidades cognitivas que envolvem a aquisição e uso do conhecimento.	Criatividade	Capacidade de pensar em maneiras novas e produtivas de fazer as coisas; inclui proezas artísticas, mas não fica limitado a elas.
		Curiosidade	Interesse pela própria experiência, capacidade de encontrar assuntos e temas que considera fascinante, explorar e descobrir.
		Pensamento crítico	Ser capaz de pensar nas coisas, examinando-as por todos os lados. Não tirar conclusões precipitadas, capacidade de mudar de ideia com base nas evidências, pesando em todos os aspectos.
		Amor ao aprendizado	Dominar novas habilidades, tópicos e conhecimentos, por

**Tabela 1***Descrição das Forças e Virtudes*

Virtudes	Descrição Breve	Forças	Descrição Breve
			conta própria ou formalmente. Relacionado à força curiosidade, mas vai além do que é sistemático para adicionar novas informações ao que sabe.
		Sensatez	Capacidade de fornecer conselhos sábios aos outros, ter maneiras de ver o mundo que fazem sentido para si mesmo e para outras pessoas.
<i>Coragem</i>	Força emocional que envolve o movimento de ter vontade para realizar objetivos frente às divergências externas ou internas	Bravura	Não sentir medo frente às ameaças, desafios, dificuldades ou dor. Capacidade de defender o que é certo, mesmo que exista alguma oposição, agindo com convicção, mesmo quando não está agradando. Inclui coragem física, mas não se limita a ela.
		Perseverança	Finaliza o que se inicia, persiste em um curso de ação apesar dos obstáculos. Tem prazer em completar tarefas.
		Autenticidade	Fala a verdade, mas apresenta-se de maneira genuína, sem pretensão. Assume a responsabilidade pelos seus sentimentos e ações.
		Vitalidade	Vive a vida com entusiasmo e energia, não faz as coisas pela metade ou sem entusiasmo. Vive a vida como uma aventura e sentindo-se vivo e ativo.
<i>Humanidade</i>	Força interpessoal que envolve uma tendência em fazer amizade com os outros.	Amor	
		Bondade	Fazer favores e boas ações para outras pessoas, ajudando-os e cuidando deles.
		Inteligência social	Estar ciente das motivações e sentimentos dos outros e de si mesmo, saber o que fazer para se adequar a diferentes situações sociais, saber o que faz as outras pessoas trabalharem.

**Tabela 1***Descrição das Forças e Virtudes*

Virtudes	Descrição Breve	Forças	Descrição Breve
<i>Justiça</i>	Força cívica que fundamenta uma vida comunitária saudável.	Cidadania	Capacidade de trabalhar bem como membro de um grupo ou equipe, de ser leal ao grupo e colaborar fazendo sua parte.
		Imparcialidade	Tratar todas as pessoas da mesma maneira, de acordo com as noções de justiça e equidade. Não deixar que sentimentos pessoais influenciem decisões sobre os outros, dando a todos uma chance justa.
		Liderança	Capaz de encorajar o grupo do qual faz parte para fazer as coisas e, ao mesmo tempo, manter boas relações dentro deste grupo. Organiza atividades em grupo e as vê acontecendo.
<i>Temperança</i>	Força que protege contra o excesso.	Perdão	Ser capaz de perdoar quem o fez mal, dar uma segunda chance e não ser vingativo. Aceita os defeitos dos outros.
		Modéstia	Deixa que suas ações falem por si mesmas, não busca notoriedade e não se considera mais especial que ninguém.
		Prudência	Toma cuidado com as próprias escolhas, não correr riscos indevidos, não dizendo ou fazendo coisas de que pode se arrepender mais tarde.
		Autorregulação	Regula seus sentimentos e ações, é disciplinado e controla seu apetite e suas emoções.
<i>Transcendência</i>	Força que possui uma conexão e significado com um universo superior.	Apreciação do belo	É capaz de perceber e apreciar a beleza, a excelência e/ou o desempenho de habilidades em diversos domínios da vida, da natureza à arte, da matemática à ciência e à experiência cotidiana.
		Gratidão	Estar ciente e agradecido pelas coisas boas que acontecem, tendo tempo para expressar agradecimentos.

**Tabela 1***Descrição das Forças e Virtudes*

Virtudes	Descrição Breve	Forças	Descrição Breve
		Esperança	Esperar o melhor para o futuro e trabalhar para alcançá-lo, acreditando que um bom futuro é algo possível de ser alcançado.
		Humor	Gostar de rir e provocar o riso nos outros, sempre olha para o lado positivo das situações e é engraçado naturalmente, fazendo (não necessariamente contando) piadas.
		Espiritualidade	Tem crenças coerentes sobre o propósito e o significado do universo, sabe onde se encaixa dentro de um esquema mais amplo. Tem crenças sobre o significado da vida que moldam sua conduta e o proporcionam conforto.

No contexto nacional, Seibel, Souza e Koller (2015), buscaram traduzir e adaptar o instrumento VIA-IS para a população brasileira. Participaram da pesquisa 1.975 sujeitos, com idade entre 18 e 82 anos, que responderam o questionário por meio da internet. Os escores foram submetidos a análise fatorial confirmatória, a fim de se investigar a estrutura interna do questionário na sua versão brasileira. Ao ser submetido ao método Hull, foi sugerido a extração de um único fator, já o método de análises paralelas sugeriu a extração de três ou quatro fatores. As soluções multifatoriais, bem como a unifatorial encontradas, estão em conformidade que outros estudos (MacDonald, Bore, & Munro, 2008; Van Eeden et al., 2008, citado por Dametto, 2017). De acordo com os autores, tais informações sugerem diferentes interpretações sobre cada fator extraído, dependendo da cultura em que foi aplicado o VIA-IS. Apesar disso, é importante destacar que de acordo com o método Hull, a solução unifatorial foi considerada como melhor resultado, uma vez que os fatores eram correlacionados.

Noronha e Barbosa (2013), optaram por criar um novo instrumento, tendo como justificativa as peculiaridades da população brasileira, além de questões relacionadas a direitos autorais. Para isso, desenvolveram a Escala de Forças de Carater – EFC, baseada no VIA. Noronha, DellazzanaZanon e Zanon (2015), realizam um estudo a fim de avaliar a estrutura interna da EFC. Participaram do estudo, 426 estudantes universitários, com idades variando de 18 a 57 anos, sendo 32,1% do sexo masculino, de dois estados da região sudeste do Brasil. Os autores realizaram a análise fatorial paralela da escala, por meio do método de extração *Maximum Likelihood* e encontraram uma solução unidimensional, apresentando o coeficiente alfa de 0,93.

As características que podem descrever as virtudes do ser humano são diversas. Sherman (1989, citado por Dametto, 2017), ao citar Aristóteles (1098a22), apresenta que as virtudes correspondem a traços duradouros de uma pessoa, assim como as atitudes, sensibilidades e crenças e estas, afetam a forma como a pessoa age e vive. Tais características podem ser vistas por meio do bom caráter, sendo assim, as virtudes descrevem o estado de caráter que são, ao mesmo tempo, modos de afeto, escolha e percepção (Dametto, 2017). Yearley (1990, citado por Dametto, 2017) em sua definição de caráter, sugere tratar-se de uma disposição para agir, bem como o desejo e o sentimento envolvidos no ato de julgamento, levando à excelência ou ao florescimento humano.

Diante disto, na presente pesquisa, a Escala de Atitude frente à Atuação do Psicólogo será correlacionada à Escala de Forças de caráter – EFC, a fim de encontrar evidências de validade baseadas relação com outras variáveis. Espera-se encontrar correlações positivas e significativas entre os itens da EAAPsi e a EFC, com ênfase aos que tange aqueles relacionados às virtudes “Sabedoria e Conhecimento” e “Humanidade”, devido a ligação com a atuação do psicólogo.

## **Interesses profissionais para o contexto da Psicologia**

Estudos relacionados aos interesses profissionais vêm sendo realizados desde meados do século XX, tendo John Holland (1997) como um dos principais autores do assunto. Segundo as considerações de Holland, os interesses profissionais podem ser entendidos como traços de personalidade no ambiente do trabalho (Lamas, 2017). Desta forma, o modelo desenvolvido pelo autor explica a escolha profissional baseada em seis características de personalidade vocacional, a saber: Realística, Investigativa, Artística, Social, Empreendedora e Convencional (Lamas, 2017). Tal modelo é amplamente conhecido pela sigla RIASEC, formada pela inicial de cada uma das seis características supracitadas (Holland, 1997; Lamas, 2017).

Lent, Brown e Hackett (1994), por sua vez, consideraram os interesses profissionais como padrões de afinidade, indiferença ou aversão em relação às atividades profissionais. Os interesses são definidos por esses autores como a preferência por determinadas atividades e contextos nos quais tais atividades acontecem, bem como os resultados relacionados as atividades preferidas que motivam determinados comportamentos e que podem orientar o sujeito à certos ambientes (Rounds & Su, 2014). De acordo com essa teoria, diversas características-chaves de interesses merecem destaque.

Inicialmente, cabe ressaltar, que os interesses são considerados semelhantes a traços. De acordo com Rounds e Su (2014), os interesses têm sido tipicamente conceituados de duas maneiras: como estados situacionais ou como disposições relativamente estáveis. No entanto, para esses autores, os interesses são discutidos tradicionalmente na Psicologia vocacional, somente a partir de uma perspectiva de traços de diferenças pessoais. Segundo Rounds e Su (2014), uma revisão realizada por eles sobre

a continuidade e a mudança de interesses ao longo da vida forneceu evidências da natureza dos interesses semelhantes a traços.

Mais importante que isso, é saber que os interesses são contextualizados, ou seja, de acordo com Rounds e Su (2014), os interesses têm sempre um objeto. Dessa forma, pode-se dizer que as pessoas não estão “interessadas” da mesma maneira que podem ser “extrovertidas”. As pessoas, na verdade, se interessam em algo, seja uma atividade ou um tipo de ambiente, que implique em certa atividade. Desta forma, os interesses captam diretamente a relação entre uma pessoa e determinados tipos de ambientes.

Ademais, outra característica dos interesses é sua função motivacional. Os interesses influenciam o comportamento humano e os resultados por meio da motivação. Tendo em vista que os interesses afetam a direção, o vigor e a persistência dos comportamentos orientados para metas, é esperado que os interesses sejam capazes de prever o alcance das metas em ambientes educacionais e de trabalho (Rounds & Su, 2014).

É possível encontrar na literatura inúmeros relatos sobre medidas de interesses profissionais específicos para o contexto da Psicologia (Campos et al., 1999; Ferreira, Rodrigues, & Ferreira, 2015; Rabelo, Pilati, & Porto, 2016; Rodrigues, Ferreira, & Bártolo-Ribeiro, 2013, citados por Ambiel & Martins, 2019). Contudo, levando-se em consideração que o Brasil conta com uma extensa diversidade de áreas de atuação dentro da Psicologia, percebeu-se que tais estudos apresentam limitações, pois abrangem apenas algumas áreas de atuação da Psicologia.

Diante disso, Ambiel e Martins (2019), construíram a Escala de Interesses por Áreas da Psicologia (EAAPsi). Os itens da escala foram baseados na Resolução CFP Nº 013/2007, que firma as resoluções referentes ao título profissional de especialistas em Psicologia e em levantamentos realizados juntamente a instituições de Ensino Superior e

institutos de pós-graduação. A EIAPsi avalia os interesses profissionais de estudantes de Psicologia, em relação às várias áreas de atuação apresentadas pela profissão.

## **Método e Resultados**

A fim de alcançar os objetivos propostos, esta pesquisa será dividida em três estudos. O primeiro estudo visou a construção dos itens da escala e verificação de evidências de validade baseadas na análise de conteúdo da Escala de Atitudes de Atuação na Psicologia (EAAPsi), sendo composto por duas etapas. O segundo estudo teve como objetivo a busca de evidências de validade baseadas na estrutura interna e verificação dos índices de fidedignidade para a EAAPsi. Por fim, o terceiro estudo focou nas evidências de validade baseadas na relação com variáveis externas.

### **Estudo 1 – Construção dos itens e evidências de validade de conteúdo**

#### **1ª Etapa – Elaboração dos itens da Escala de Atitude frente à Atuação do Psicólogo**

##### **- EAAPsi**

Esta pesquisa conta com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco, nº do CAAE: 44003015.7.0000.5514. Os itens da EAAPsi foram construídos com fundamento na teoria tripartite da atitude de Zanna e Rempel (1988), que definem a atitude como a avaliação frente ao objeto, que pode ser baseada por três classes ou fontes de informações: Cognitivo, Afetivo e Comportamental. Além disso, foram utilizadas características referentes ao objeto psicológico “atuação do psicólogo”, baseadas nas competências e habilidades exigidas para a atuação dessa profissão, retiradas do Código de Ética Profissional do Psicólogo, que expõe as necessidades da profissão do psicólogo em respeito às leis e ao momento do país, além dos princípios e responsabilidades exigidas para o profissional ético; da Resolução Nº006/2007 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), que institui o Código de Processamento Disciplinar e da Resolução Nº 5, de 15 de março de 2011(1), que institui

as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, no qual está descrito o perfil esperado do profissional em Psicologia. Foram construídos 58 itens, de sentidos positivos e negativos, divididos nas três classes de informação da atitude (Tabela 2).

**Tabela 2**

*Itens da Escala de Atitude frente à atuação do Psicólogo e suas fontes de informação*

<b>Nº</b>	<b>Item</b>	<b>Fonte de informação</b>
1	Eu gosto de estar informado sobre os desafios atuais da sociedade.	Afetivo
4	Fico apreensivo com a minha atuação como psicólogo.	Afetivo
5	Buscar informações em revistas científicas me gera satisfação.	Afetivo
6	Eu me sinto bem ao trabalhar com base no respeito às pessoas.	Afetivo
7	Me dá satisfação promover a liberdade das pessoas.	Afetivo
11	Fico aborrecido ao realizar levantamentos de informações em fontes especializadas da Psicologia.	Afetivo
12	Fico satisfeito em me manter atualizado em Psicologia.	Afetivo
26	Fico ansioso ao pensar que terei que estar sozinho com um paciente durante os atendimentos.	Afetivo
28	Me deixa tenso pensar em estar em contato com diversas pessoas.	Afetivo
31	Me preocupa ter que guardar sigilo sobre os pacientes.	Afetivo
33	Gosto de ler livros relacionados à Psicologia.	Afetivo
35	Me agrada estudar sobre os transtornos mentais.	Afetivo
42	Eu acho injusto não poder atender familiares próximos aos meus pacientes.	Afetivo
44	Me incomoda ter que pagar o conselho de Psicologia.	Afetivo
45	Me deixa tranquilo o fato de não ser permitido divulgar resultados de avaliações psicológicas.	Afetivo
53	Fico entusiasmado utilizar métodos experimentais como forma de investigação científica.	Afetivo
55	Me sinto confiante para utilizar instrumentos de avaliação em Psicologia.	Afetivo
57	Promover a dignidade das pessoas me faz bem.	Afetivo
8	A aplicação de apenas um instrumento psicológico é suficiente para fechar um diagnóstico preciso.	Cognitivo
9	O psicólogo só pode atuar no atendimento clínico.	Cognitivo
10	O trabalho do psicólogo não é utilizado para prevenção de problemas.	Cognitivo
13	É papel do psicólogo diagnosticar transtornos mentais.	Cognitivo
15	Profissionais de qualquer área podem utilizar testes psicológicos.	Cognitivo
16	É papel do psicólogo atuar multiprofissionalmente.	Cognitivo

**Tabela 2***Itens da Escala de Atitude frente à atuação do Psicólogo e suas fontes de informação*

<b>Nº</b>	<b>Item</b>	<b>Fonte de informação</b>
18	O psicólogo deve ser capaz de analisar necessidades de natureza psicológica.	Cognitivo
19	Aplicar teste é o mesmo que avaliação psicológica.	Cognitivo
20	É função do psicólogo produzir laudos.	Cognitivo
21	A prevenção do sofrimento faz parte da atuação do psicólogo.	Cognitivo
23	O psicólogo deve ter habilidade para preparar atividades profissionais baseadas em análises estatísticas.	Cognitivo
36	O psicólogo tem a obrigação de fazer com que o Código de Ética Profissional seja cumprido.	Cognitivo
38	Avaliação psicológica rotula as pessoas.	Cognitivo
39	Os métodos estatísticos são utilizados para analisar dados em Psicologia.	Cognitivo
41	É dever do psicólogo cumprir o Código de Ética Profissional.	Cognitivo
43	Cabe ao psicólogo levantar informações bibliográficas em fontes especializadas.	Cognitivo
46	O psicólogo pode utilizar instrumentos psicológicos que não tenham validade científica.	Cognitivo
47	O psicólogo analisa a subjetividade humana.	Cognitivo
48	Realizar trabalhos científicos contribui para atuação do psicólogo.	Cognitivo
49	O método de observação faz parte do papel do psicólogo.	Cognitivo
51	Faz parte da prática do psicólogo utilizar métodos estatísticos.	Cognitivo
54	É papel do psicólogo estar atualizado quanto aos desafios atuais de seu campo de atuação.	Cognitivo
58	É responsabilidade do psicólogo conhecer o Código de Ética Profissional.	Cognitivo
2	A escolha dos instrumentos utilizados para avaliação psicológica deve ser realizada com cautela.	Comportamental
3	Pretendo fazer cursos de especialização para atuar em uma área específica.	Comportamental
14	Busco informações em revistas científicas para me atualizar sobre possibilidades de atuação do psicólogo.	Comportamental
17	Eu pretendo ensinar técnicas de uso do psicólogo a profissionais de outras áreas de atuação.	Comportamental
22	Participo de eventos científicos da Psicologia e de áreas relacionadas.	Comportamental
24	Eu só divulgarei títulos/qualificações que realmente possuo.	Comportamental
25	Manterei a prestação de serviços pelo maior tempo possível.	Comportamental

**Tabela 2***Itens da Escala de Atitude frente à atuação do Psicólogo e suas fontes de informação*

<b>Nº</b>	<b>Item</b>	<b>Fonte de informação</b>
27	Induzirei pessoas ou organizações a recorrerem aos meus serviços.	Comportamental
29	Utilizarei procedimentos que me tragam retorno financeiro.	Comportamental
29	Ficarei atento às questões legais da minha profissão.	Comportamental
32	Caso não possa dar continuidade ao atendimento de meu paciente, o encaminharei para outros profissionais.	Comportamental
34	Tenho o hábito de realizar pesquisas bibliográficas.	Comportamental
37	Denunciarei aos conselhos da profissão, aqueles que não estiverem agindo conforme o Código de Ética.	Comportamental
40	Não utilizarei práticas psicológicas que causem sofrimento.	Comportamental
50	Pretendo modificar os resultados das avaliações para atingir determinado objetivo.	Comportamental
52	Pretendo ler os manuais técnicos antes da aplicação de instrumentos psicológicos.	Comportamental
56	Eu fornecerei, somente a quem de direito, os resultados decorrentes da prestação de serviços psicológicos.	Comportamental

**2ª Etapa – Análise de juízes*****Participantes***

Participaram seis juízes, psicólogos doutores da área de avaliação do construto Atitude e com experiência como coordenador de cursos de graduação e pós-graduação em Psicologia. Os juízes tem, em média, um tempo de experiência de 16,33 anos (DP = 11,95), de forma que 5 eram do sexo feminino e 1 do sexo masculino. Os contatos foram feitos por conveniência da pesquisadora.

***Instrumentos******Formulário para Avaliação de juízes (Anexo 1)***

O formulário conta com uma breve definição do construto Atitude e das suas três fontes de informação que compõem a escala EAAPsi. Os itens foram avaliados no que diz respeito à pertinência prática, relevância teórica e clareza de linguagem. Além disso, um campo foi disponibilizado para que cada juiz avaliasse a dimensão teórica da escala,

no qual puderam indicar para qual fonte de informação da atitude o item foi considerado. O formulário também conteve um espaço para que os juízes pudessem pontuar possíveis sugestões e opiniões.

### ***Procedimentos***

Os juízes foram escolhidos a partir da rede de contato da pesquisadora responsável pela presente pesquisa (amostra não-aleatória e intencional). O convite para participação da pesquisa foi enviado por e-mail e, após os juízes aceitarem participar da pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo 2), recebido por e-mail, bem como com as orientações de como realizar as avaliações constantes do Formulário para Avaliação de Juízes.

### ***Análise de Dados***

Diversos índices podem ser utilizados para verificar acordo entre os juízes, dentre eles, o coeficiente Kappa (Cohen, 1960) que é considerado o mais utilizado em estudos com variáveis nominais. Algumas classificações para a interpretação do coeficiente Kappa podem ser encontradas na literatura. Neste estudo, foi utilizada a classificação de Landis e Koch (1977), que afirmam que coeficientes com valores entre 1,00 e 0,80, indicam concordância quase perfeita; coeficientes entre 0,79 e 0,60, concordância substancial; valores entre 0,59 e 0,40, concordância moderada; valores abaixo de 0,39 são considerados razoáveis e, concordância pobre quando o coeficiente se aproxima de zero.

## Resultados

O coeficiente de concordância Kappa foi utilizado para avaliar a concordância entre os juízes quanto à categorização dos itens nos três componentes da atitude (ie., cognitivo, afetivo e comportamental) medidos pela EAAPsi. Sendo assim, foram considerados sete juízes no total, gerando 21 combinações possíveis. A classificação feita pela autora da tese na versão preliminar da EAAPsi foi denominada como J7 e os seis juízes como J1, J2, J3, J4, J5 e J6. De acordo com a classificação proposta por Landis e Koch (1977) da classificação para o coeficiente Kappa, valores entre 1,00 e 0,80 apontam concordância quase perfeita; valores entre 0,79 e 0,60, demonstram concordância substancial; entre 0,59 e 0,40, concordância moderada; 0,39 e 0,20, concordância leve; 0,19 e 0,0, concordância pobre e menores que zero, ausência de concordância. A Tabela 3 mostra os resultados.

**Tabela 3**

*Coeficiente Kappa de concordância entre os juízes que avaliaram os itens da escala EAAPsi*

Juiz	Coeficiente	Juiz						Coeficiente médio por juiz
		2	3	4	5	6	7	
1	Kappa	0,89	0,83	0,86	0,83	0,92	0,78	0,85
	<i>p</i>	***	***	***	***	***	***	
2	Kappa	-	0,95	0,97	0,92	0,90	0,87	0,92
	<i>p</i>		***	***	***	***	***	
3	Kappa		-	0,97	0,86	0,89	0,83	0,89
	<i>p</i>			***	***	***	***	
4	Kappa			-	0,89	0,92	0,84	0,91
	<i>p</i>				***	***	***	
5	Kappa				-	0,82	0,78	0,85
	<i>p</i>					***	***	
6	Kappa					-	0,76	0,87
	<i>p</i>						***	
7	Kappa						-	0,81
	<i>p</i>							
Coeficiente médio dos sete juízes								0,87

Nota: \*\*\*  $p < 0,001$

Na Tabela 3, pode-se observar coeficientes de concordância significativos, com valores que indicam concordância quase perfeita (Kappa = 0,97;  $p < 0,001$ ) ou substancial (Kappa = 0,78;  $p < 0,001$ ). O maior coeficiente de concordância obtido deu-se entre os

juízes 3 e 4,  $Kappa = 0,97$  com  $p < 0,001$ , e o menor índice de concordância foi encontrado entre os juízes 6 e 7,  $Kappa = 0,76$  com  $p < 0,001$ . Em relação à média de concordância entre os juízes, o valor foi de 0,87 ( $DP = 0,05$ ), indicando concordância quase perfeita. Desta forma, considerando os resultados apresentados na Tabela 4, pode-se afirmar que a versão preliminar da EAAPsi apresentou evidência favorável de validade de conteúdo por meio do coeficiente *Kappa*.

Além da verificação da concordância por meio do coeficiente *Kappa*, os itens da versão preliminar da escala também foram analisados individualmente. Para isso, a concordância entre as análises dos juízes para cada item foi verificada. Na tabela a seguir estão apresentados somente os itens que tiveram concordância menor que 70% entre os juízes.

**Tabela 4**

*Classificação dos itens de menor concordância (em relação ao componente) da escala EAAPsi, de acordo com os juízes*

Item	Juiz 7	J1	J2	J3	J4	J5	J6	J7	Concordância dos juízes por item da escala total (%)
5	Af.	Cog.	Af.	Af.	Af.	Af.	Cog.	Af.	47,6
7	Af.	Com.	Af.	Af.	Af.	Cog.	Af.	Af.	47,6
24	Cog.	-	Com.	Com.	Com.	Com.	Com.	Cog.	47,6
34	Cog.	Com.	Com.	-	Com.	Com.	Com.	Cog.	47,6
42	Af.	Af.	Af.	Cog.	Cog.	Af.	Cog.	Af.	42,9

*Nota:* Af = Afetivo; Com. = Comportamental; Cog. = Cognitivo

A partir dos resultados obtidos por meio da concordância entre as análises dos juízes para cada item, decidiu-se pela exclusão dos itens com concordância menor que 70%. Desta forma, os itens 5, 7, 24, 34 e 42 foram retirados, resultando em uma escala com o total de 53 itens.

## **Estudo 2 – Evidências de validade baseadas na estrutura interna**

O objetivo deste estudo foi buscar evidências de validade baseadas na estrutura interna, por meio de uma modelagem de equações estruturais exploratória (ESEM) da

EAAPsi, após as modificações realizadas no Estudo 1. Ainda, foi realizada a verificação da fidedignidade do presente instrumento por meio dos coeficientes de consistência alfa de Cronbach e ômega de McDonald.

De acordo com a teoria de Zanna e Rempel (1988), a atitude é composta por três fontes de informação: afetivo, cognitivo e comportamental. Com base nessa informação, as hipóteses que guiam este presente estudo são (a) que a EAAPsi, construída com base nesse referencial teórico, apresente uma estrutura com três fatores correspondentes às fontes de informação da atitude; e (b) que avalie a atitude dos estudantes frente à atuação do psicólogo.

### ***Participantes***

Participaram da pesquisa 274 estudantes de Psicologia, de instituições particulares (86,9%) e públicas (13,1%), de 14 estados brasileiros, sendo os estados de São Paulo ( $n = 183$ ; 66,8%), Paraná ( $n = 26$ ; 9,5%) e Minas Gerais ( $n = 21$ ; 7,7%). A amostra foi composta por 77,7% dos participantes do sexo feminino, 21,3% do sexo masculino e 0,4% que preferiram não responder com idade variando de 18 a 64 anos ( $M = 29,78$ ;  $DP = 10,93$ ). Estudantes de todos os semestres da graduação (primeiro ao décimo semestre) participaram da pesquisa. Divididos em três fases do curso, obteve-se 20,8% iniciantes (do primeiro ao terceiro semestres), 46,4% intermediários (do quarto ao sétimo semestres) e 32,8% concluintes (do oitavo ao décimo semestre).

### ***Instrumentos***

#### ***Questionário de Identificação do Participante (Anexo 3)***

A fim de obter informações da amostra, foi criado um questionário sociodemográfico. As seguintes informações foram obtidas: sexo, idade, estado civil, se

tem filhos, cor, se trabalha, se trabalha na área da Psicologia, remuneração, estado, semestre que está cursando, IES privada ou pública, se é a primeira graduação e o turno que está estudando.

*Escala de Atitude frente à Atuação do Psicólogo (EAAPsi) (Camilo, Vendramini & Ambiel, 2020) – Versão da coleta de dados (Anexo 4)*

A versão da EAAPsi utilizada é resultado da análise de juízes realizada na etapa anterior da pesquisa. Esta escala tem por objetivo avaliar a atitude de estudantes de Psicologia frente à atuação do Psicólogo, com base na teoria tripartite das atitudes.

A EAAPsi ficou composta por 53 itens, distribuídos entre os três fatores da atitude (cognitivo, comportamental e afetivo). Foi utilizado o formato Likert de respostas, de 1 – discordo fortemente, 2 – discordo, 3 – neutro, 4 – concordo e 5 – concordo fortemente.

### ***Procedimentos***

Se tratando de uma versão informatizada, convites para participação da pesquisa foram disponibilizados nas redes sociais da pesquisadora e enviado à professores e coordenadores de cursos de Psicologia que o encaminharam para seus alunos. Antes de responder os instrumentos, os alunos tiveram acesso a versão informatizada do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 5) e, ao dar continuidade ao preenchimento dos instrumentos, estará confirmando seu consentimento para a participação da pesquisa. Nesta etapa, além da EAAPsi, também foram aplicadas a Escala de Forças de caráter (Noronha & Barbosa, 2016) (Anexo 6) e a Escala de Interesses por Áreas da Psicologia - 33 (EIAPsi-33) (Ambiel & Martins, 2019) (Anexo 7), que serão descritas nos estudos seguintes. As aplicações tiveram duração, em média, de 30 minutos.

### **Análise de dados**

Os dados foram analisados por meio dos softwares SPSS 25, JAMOVI 1.2.2 e Mplus 7. Inicialmente foi verificado qual o número ideal de fatores a serem extraídos do conjunto de dados, por meio do método de retenção fatorial Análise Paralela. Em seguida foram realizadas Modelagens de Equações Estruturais Exploratórias (ESEM), com estimador *Weighted Least Square Mean and Variance Adjusted* (WLSMV) e rotação Geomin. A verificação do ajuste do modelo foi feita a partir dos *índices Confirmatory Fit Index* (CFI > 0,90), *Tucker-Lewis Index* (TLI > 0,90) e *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA < 0,08; Hu & Bentler, 1999). Para manutenção dos itens foi utilizado o critério de cargas fatoriais maiores que 0,30 em um único fator. A precisão por consistência interna foi verificada por meio dos coeficientes alfa de Cronbach e ômega de McDonald.

### **Resultados**

Após a caracterização da amostra, foram realizadas as análises necessárias para verificar a estrutura fatorial da EAAPsi, a saber, a Análise Paralela (AP) para identificar o melhor número de fatores para o modelo e a Modelagem de Equações Estruturais Exploratórias (ESEM) e os níveis de precisão por meio do alfa de Cronbach e ômega de McDonald. Seguiu-se a hipótese teórica da presença de três fatores, correspondentes às classes de informações da atitude, sendo eles: cognitivo, afetivo e comportamental.

Inicialmente, foi realizada uma Análise Paralela, a fim de determinar a quantidade de fatores da EAAPsi. O resultado da análise indicou a presença de três fatores como melhor estrutura para o instrumento (Figura 1).

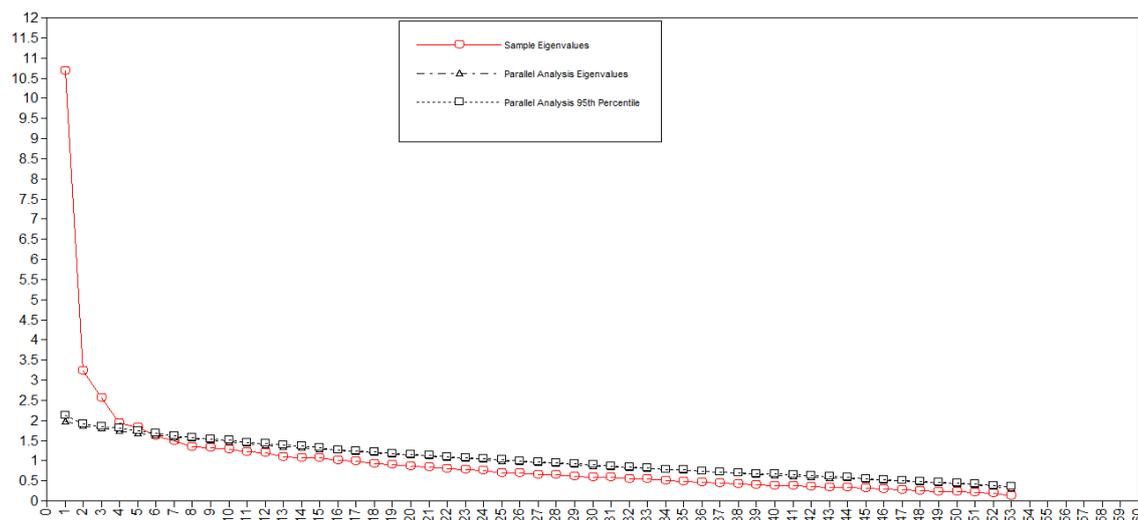


Figura 1. Análise Paralela para identificação do número de fatores

Visando atender aos objetivos propostos, buscou-se verificar a estrutura interna da EAAPsi por meio de uma Modelagem de Equações Estruturais Exploratórias (ESEM), bem como a estimativa de precisão dos fatores (alfa de *Cronbach*,  $\alpha$ , e ômega de McDonald,  $\omega$ ) e a correlação latente entre os fatores. Na ESEM, a extração de três fatores produziu um ajuste do modelo considerado satisfatório (RMSEA = 0,05; CFI = 0,92; TLI = 0,91), como apresentado na Tabela 5.

**Tabela 5**

*Resultados da Modelagem de Equações Estruturais Exploratórias e índices de precisão da Escala de Atitudes frente à atuação dos Psicólogos.*

Itens	Descrição	F1 = Comp. profissionais	F2 = Ações antiéticas	F3 = Afetos negativos
3	Pretendo fazer cursos de especialização para atuar em uma área específica.	<b>0,62</b>	-0,04	-0,03
4	Fico apreensivo com a minha atuação como psicólogo.	0,09	0,02	<b>0,68</b>
5	Eu me sinto bem ao trabalhar com base no respeito às pessoas.	<b>0,65</b>	-0,09	-0,10
6	A aplicação de apenas um instrumento psicológico é suficiente para fechar um diagnóstico preciso.	-0,08	<b>0,42</b>	0,13
7	O psicólogo só pode atuar no atendimento clínico.	-0,11	<b>0,61</b>	0,02
8	O trabalho do psicólogo não é utilizado para prevenção de problemas.	-0,07	<b>0,37</b>	0,00

**Tabela 5**

*Resultados da Modelagem de Equações Estruturais Exploratórias e índices de precisão da Escala de Atitudes frente à atuação dos Psicólogos.*

12	Busco informações em revistas científicas para me atualizar sobre possibilidades de atuação do psicólogo.	<b>0,31</b>	-0,05	-0,08
13	Profissionais de qualquer área podem utilizar testes psicológicos.	0,00	<b>0,67</b>	-0,06
14	É papel do psicólogo atuar multiprofissionalmente.	<b>0,39</b>	0,03	0,03
15	Eu pretendo ensinar técnicas de uso do psicólogo a profissionais de outras áreas de atuação.	0,07	<b>0,63</b>	0,05
16	O psicólogo deve ser capaz de analisar necessidades de natureza psicológica.	<b>0,62</b>	0,04	-0,05
17	Aplicar teste é o mesmo que avaliação psicológica.	0,02	<b>0,60</b>	-0,18
18	É função do psicólogo produzir laudos.	<b>0,46</b>	0,10	0,04
19	A prevenção do sofrimento faz parte da atuação do psicólogo.	<b>0,47</b>	-0,01	0,10
20	Participo de eventos científicos da Psicologia e de áreas relacionadas.	<b>0,34</b>	-0,22	0,07
22	Manterei a prestação de serviços pelo maior tempo possível.	<b>0,52</b>	0,26	-0,02
23	Fico ansioso ao pensar que terei que estar sozinho com um paciente durante os atendimentos.	0,02	-0,05	<b>0,96</b>
24	Induzirei pessoas ou organizações a recorrerem aos meus serviços.	0,14	<b>0,50</b>	0,11
25	Me deixa tenso pensar em estar em contato com diversas pessoas.	-0,04	0,13	<b>0,69</b>
29	Caso não possa dar continuidade ao atendimento de meu paciente, o encaminharei para outros profissionais.	<b>0,68</b>	-0,14	-0,04
33	Denunciarei aos conselhos da profissão, aqueles que não estiverem agindo conforme o Código de Ética.	<b>0,36</b>	-0,15	0,15
35	Os métodos estatísticos são utilizados para analisar dados em Psicologia.	<b>0,64</b>	0,02	0,10
38	Cabe ao psicólogo levantar informações bibliográficas em fontes especializadas.	<b>0,78</b>	-0,05	-0,04
40	Me deixa tranquilo o fato de não ser permitido divulgar	<b>0,37</b>	-0,11	0,11

**Tabela 5**

*Resultados da Modelagem de Equações Estruturais Exploratórias e índices de precisão da Escala de Atitudes frente à atuação dos Psicólogos.*

	resultados de avaliações psicológicas.			
41	O psicólogo pode utilizar instrumentos psicológicos que não tenham validade científica.	-0,15	<b>0,50</b>	-0,08
42	O psicólogo analisa a subjetividade humana.	<b>0,65</b>	0,21	-0,11
43	Realizar trabalhos científicos contribui para atuação do psicólogo.	<b>0,76</b>	0,01	0,03
44	O método de observação faz parte do papel do psicólogo.	<b>0,75</b>	-0,01	-0,04
45	Pretendo modificar os resultados das avaliações para atingir determinado objetivo.	-0,04	<b>0,64</b>	0,14
46	Faz parte da prática do psicólogo utilizar métodos estatísticos.	<b>0,65</b>	0,13	0,13
47	Pretendo ler os manuais técnicos antes da aplicação de instrumentos psicológicos.	<b>0,66</b>	-0,22	0,06
48	Fico entusiasmado utilizar métodos experimentais como forma de investigação científica.	<b>0,42</b>	0,25	0,02
49	É papel do psicólogo estar atualizado quanto aos desafios atuais de seu campo de atuação.	<b>0,76</b>	-0,14	0,01
	Nº itens	21	9	3
	$\alpha$	0,85	0,63	0,78
	$\omega$	0,87	0,64	0,79
		F1	F2	F3
		1		
	$r$	-0,36*	1	
		-0,01	0,16	1

*Nota.* Cargas fatoriais  $\geq 0,30$  estão em negrito; \* $p < 0,001$ ; F1 = Competências profissionais; F2 = Ações antiéticas; F3 = Afetos negativos; M = média; DP = desvio-padrão

A Tabela 5 apresenta os itens e as cargas fatoriais nos três fatores extraídos, bem como as estimativas de precisão e a correlação entre os fatores. O resultado da ESEM demonstrou um agrupamento diferente do esperado pela teoria. Enquanto os fatores teóricos esperados eram Comportamentais, Afetivos e Cognitivos, as cargas cruzadas

evidenciaram a existência de outros fatores, nomeados então como Competências profissionais, Ações antiéticas e Afetos negativos.

Para o fator Competências profissionais, as cargas variaram de 0,36 a 0,78, contendo 21 itens ( $\alpha = 0,85$  e  $\omega = 0,88$ ). O fator Ações antiéticas teve uma variação nas cargas entre 0,37 e 0,64 ( $\alpha = 0,63$  e  $\omega = 0,62$ ), contemplando nove itens. Por fim, o fator Afetos negativos teve um total de três itens, com cargas entre 0,68 e 0,96 ( $\alpha = 0,77$  e  $\omega = 0,71$ ). A correlação entre os fatores Competências profissionais e Ações antiéticas teve um valor estatístico significativo e de magnitude moderada ( $r = -0,36$ ;  $p < 0,001$ ), enquanto que o fator Afetos negativos não demonstrou valores de correlação significativos.

### **Estudo 3 – Evidências de construto baseadas na relação com outras variáveis**

Para verificar as evidências de validade baseadas na relação com outras variáveis, foi realizada a correlação de Pearson entre a EAAPsi e a Escala de Forças de Caráter (EFC; Noronha & Barbosa, 2016) e a Escala de Interesses por Áreas da Psicologia (EIAPsi; Ambiel & Martins, 2019). Em relação à EFC, foi computado um escore geral, tendo em vista que alguns estudos apresentaram evidências para uma estrutura unidimensional deste construto (Noronha & Batista, 2017).

Duas hipóteses guiaram este estudo. A primeira hipótese foi a de que os fatores da EAAPsi se correlacionaram de maneira positiva (com exceção dos itens do fator Afetos negativos) e magnitude moderado com a Escala de Forças de Caráter. A segunda hipótese conjecturou que as relações entre a Escala de Atitudes frente à Atuação do Psicólogo e a

Escala de Interesses por Áreas da Psicologia teriam correlações positivas e de magnitude baixa a moderada com as áreas de interesse da Psicologia.

### ***Participantes***

Os participantes foram os mesmos do Estudo 2.

### ***Instrumentos***

#### *Questionário de Identificação do Participante (Anexo 3)*

A fim de obter informações da amostra, foi criado um questionário sociodemográfico. As seguintes informações foram obtidas: sexo, idade, estado civil, se tem filhos, cor, se trabalha, se trabalha na área da Psicologia, remuneração, estado, semestre que está cursando, IES privada ou pública, se é a primeira graduação e o turno que está estudando.

#### *Escala de Atitude frente à Atuação do Psicólogo – EAAPsi – Versão final (Camilo, Ambiel & Vendramini, 2021) (Anexo 8)*

Foi utilizada a escala resultante das análises realizadas no Estudo 2, ou seja, a estrutura resultante após a análise de estrutura interna. A EAAPsi – Versão Final, ficou composta por 33 itens, distribuídos entre os três fatores (Competências profissionais, Afetos negativos e Ações antiéticas). Foi utilizado o formato Likert de respostas, de 1 – discordo fortemente, 2 – discordo, 3 – neutro, 4 – concordo e 5 – concordo fortemente.

*Escala de Forças de caráter (Noronha & Barbosa, 2016) (Anexo 6)*

A escala foi construída no Brasil para medir forças e virtudes, baseada no modelo de Peterson e Seligman (2004). A versão final da escala foi composta por 71 itens respondidos em uma escala *Likert* de cinco pontos (Pontuação de 0 = "não como eu" a 5 = "muito parecido comigo"). A pontuação de cada força é dada pela soma dos pontos atribuídos a cada um dos itens respectivos. Existem 23 pontos fortes compostos por três itens e apenas uma força composta por dois itens.

*Escala de Interesses de Atuação na Psicologia (EIAPsi, Ambiel & Martins, 2019) (Anexo 7)*

A escala foi construída no Brasil para mensurar quais as áreas de atuação um estudante do curso de Psicologia mais se identifica e poderia escolher como carreira profissional. A versão utilizada é constituída de 11 fatores, e um total de 33 itens, referente às áreas da Psicologia, a saber, Avaliação Psicológica, Clínica, Docência e Pesquisa, Educacional, Esporte, Jurídica, Neuropsicologia, Organizacional, Saúde, Social e Trânsito, com índices de consistência internas consideradas satisfatórias ( $\alpha_s \geq 0,83$ ). Nesta escala, utiliza-se uma escala do tipo *Likert* de cinco pontos (1 = "Detesto/detestaria exercer esta atividade) a 5 = "Adoro/adoraria exercer esta atividade").

***Procedimentos***

Os procedimentos de pesquisa foram os mesmos do Estudo 2. Por se tratar de uma versão informatizada, convites para participação da pesquisa foram disponibilizados nas redes sociais da pesquisadora e enviado à professores e coordenadores de cursos de Psicologia que o encaminharam para seus alunos. Antes de responder os instrumentos, os

alunos tiveram acesso a versão informatizada do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 5) e, ao dar continuidade ao preenchimento dos instrumentos, estará confirmando seu consentimento para a participação da pesquisa. Nesta etapa, além da EAAPsi, também foram aplicadas a Escala de Forças de caráter (Noronha & Barbosa, 2016) (Anexo 6) e a Escala de Interesses por Áreas da Psicologia (EIAPsi) (Ambiel & Martins, 2019) (Anexo 7), que serão descritas nos estudos seguintes. As aplicações tiveram duração, em média, de 30 minutos.

### ***Análise de dados***

Para alcançar os objetivos do presente estudo, os escores da EAAPsi e da EFC foram analisados por meio da correlação de *Pearson*. Foi correlacionada o score total da EFC à cada fator da EAAPsi (Competências profissionais, Afetos negativos e Ações antiéticas). Além disso, foram correlacionadas as forças de caráter com a pontuação total da EAAPsi.

## **Resultados**

Para este estudo se buscou avaliar o terceiro objetivo da pesquisa, ou seja, as evidências de validade baseada em variáveis externas. Para isto, fez-se necessário verificar o grau da associação dos fatores da EAAPsi com as áreas do curso de Psicologia baseadas na Escala de Interesses por Área da Psicologia (EIAPsi; Ambiel & Martins, 2019) e na pontuação total da Escala de Forças de Caráter (EFC; Noronha & Barbosa, 2016). A Tabela 6 apresenta as correlações encontradas entre os fatores da EAAPsi (colunas) e a nota geral da EFC com os fatores da EIAPsi e nota geral da EFC.

### **Tabela 6**

*Correlações entre fatores da EAAPsi com a nota geral da EFC e dos fatores da EIAPsi*

	Afetos Negativos	Competências Profissionais	Ações Antiéticas
EFC	0,15*	0,34**	-0,06
Avaliação Psicológica	0,17**	0,31**	0,09
Docência	0,15*	0,22**	-0,08
Neuropsicologia	0,30**	0,19**	0,01
Psicologia Clínica	0,28**	0,19**	-0,18**
Psicologia da Saúde	0,33**	0,15*	0,01
Psicologia do Esporte	0,63**	0,01	0,21**
Psicologia do Trânsito	0,41**	-0,03	0,22**
Psicologia Escolar e Educacional	0,15*	0,12*	0,14*
Psicologia Jurídica	0,60**	-0,01	0,05
Psicologia Organizacional e do Trabalho	0,25**	0,10	0,13*
Psicologia Social	0,28**	0,21**	0,02

Nota: \* para  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ . EFC = Escala de Forças de Caráter; EIAPsi = Escala de Interesses das Áreas da Psicologia

É possível observar que as correlações do fator Afetos Negativos da EAAPsi se mostraram significativas e positivas com todos os fatores testados, a saber, nota geral da EFC e fatores da EIAPsi. No fator Competências Profissionais os resultados foram semelhantes com o fator Afetos Negativos, com exceção das áreas Organizacional, Jurídica, Esporte e Trânsito, em que os demais resultados também apresentaram significância estatística e direcionamento positivo da relação. Por fim, o fator Ações Antiéticas teve apenas resultados de valor estatístico significativo para as áreas de atuação da Psicologia Clínica, Escolar, Organizacional, do Esporte e do Trânsito, sendo a direção da relação para a área de Psicologia Clínica negativa, enquanto as demais foram positivas.

Os valores de magnitudes observadas para o fator Afetos Negativos estiveram entre baixo ( $r = 0,15$ ) e alto ( $r = 0,63$ ) (Hemphill, 2003). As correlações com menor magnitude foram encontradas para as áreas de Avaliação Psicológica, Docência e Psicologia Escolar e Educacional, bem como para a nota geral da EFC, enquanto as correlações de maior magnitude foram encontradas para a área de Psicologia do Esporte e Psicologia Jurídica.

Para o fator Competências Profissionais, os valores de magnitude encontrados estiveram entre baixo ( $r = 0,12$ ) e moderado ( $r = 0,34$ ) (Hemphill, 2003). Para os valores de menor magnitude estão Psicologia Clínica, Psicologia da Saúde e Psicologia Escolar e Educacional. Os melhores resultados para o fator Competências Profissionais da EAAPsi se encontram com a nota geral da EFC e com a área Avaliação Psicológica da EIAPsi.

No tocante aos valores de magnitude achados para o fator Ações Antiéticas da EAAPsi com as variáveis externas, pode-se considerar que eles estão dentro de uma magnitude considerada como baixa, já que estão entre  $r = -0,18$  e  $r = 0,22$  (Hemphill, 2003). Como já mencionado, uma das relações deste fator da EAAPsi obteve um valor de correlação de direção negativa e com magnitude baixa para a área de Psicologia Clínica ( $r = -0,18$ ). Este é um resultado que está na contramão dos demais resultados achados, e suas possíveis interpretações serão discutidos na seção 'Discussão'.

Por fim, dentre as associações encontradas entre a Escala de Forças de Caráter e os interesses profissionais de atuação na Psicologia, quatro resultados obtiveram um valor estatístico significativo e de direção positiva. As áreas Social, Docência e Pesquisa e Saúde obtiveram uma associação de magnitude baixa (valor de  $r$  entre 0,15 e 0,22), enquanto a área Clínica obteve uma associação de magnitude moderada ( $r = 0,30$ ).

## Discussão

Diante da amplitude da atuação dos profissionais da Psicologia em diferentes contextos, a formação destes profissionais desde a Graduação pode ser compreendida como uma formação generalista, que vise preparar os futuros profissionais para sua prática. Contudo, é natural que algumas áreas de atuação possam ser encaradas como de maior interesse em relação a outras, o que pode impactar a atitude que o graduando possa ter com disciplinas referentes a estas áreas de atuação (Ambiel & Martins, 2019).

Conhecer as atitudes do sujeito pode contribuir para o seu aprimoramento, pois esse construto desempenha um papel importante na determinação do comportamento humano e pode interferir na percepção que se forma sobre determinadas situações da vida cotidiana (Crano & Prislin, 2008). Desta forma, a Atitude é um construto estudado em diversas áreas da psicologia dentro de suas variáveis sociais, e o campo da Educação e da formação profissional pode se beneficiar destes estudos (Fabrigar, MacDonald & Wegener, 2014). Com isto em vista, o objetivo desta pesquisa foi a construção e investigação das propriedades psicométricas de uma escala para mensurar a atitude de graduandos do curso de Psicologia para as áreas de atuação profissional, a Escala de Atitude frente à Atuação do Psicólogo – EAAPsi. No que se refere às propriedades psicométricas, estas foram evidências de validade e índices de precisão, de forma que três estudos foram realizados, a saber, a) avaliação de juízes, para as evidências de validade baseada no conteúdo; b) modelagem de equações estruturais exploratórias, para aferir a evidência de validade baseada na estrutura interna da escala, e alfa de Cronbach e ômega de McDonald, para avaliar a consistência interna do instrumento; e c) associação da EAAPsi com outras escalas, que visam mensurar as Forças de Caráter e os interesses profissionais para atuação na Psicologia.

Os resultados do estudo acerca das evidências de validade baseada no conteúdo demonstram que os itens criados para a EAAPsi são relevantes e podem avaliar o construto pretendido dentro do contexto escolhido, isto é, Atitudes frente à atuação profissional do psicólogo(a). Esta afirmação encontra respaldo uma vez que o coeficiente médio de concordância de juízes K foi de 0,87, com valor de  $p < 0,001$ , e de acordo com Landis e Koch (1977), este é um resultado que indica uma concordância quase perfeita.

Contudo, dos 58 itens inicialmente propostos, cinco obtiveram uma porcentagem de concordância menor que 70%, o que pode ser considerado como uma evidência desfavorável quanto à adequação do conteúdo para mensurar o construto proposto. Os itens com estes resultados foram os itens 05 (*Buscar informações em revistas científicas me gera satisfação*), 07 (*Me dá satisfação promover a liberdade das pessoas*) e 42 (*Eu acho injusto não poder atender familiares próximos aos meus pacientes*), pertencentes ao fator teórico Afetivo e os itens 24 (*Eu só divulgarei títulos/qualificações que realmente possuo*) e 34 (*Tenho o hábito de realizar pesquisas bibliográficas*), pertencentes ao fator teórico Comportamental. Assim, optou-se por retirar estes itens para compor a versão do Estudo 2, com 53 itens, sendo 15 itens para o fator teórico Afetivo, 23 itens para o fator teórico Cognitivo e 15 itens para o fator teórico Comportamental.

Aqui, conjectura-se alguns motivos destes itens terem apresentado um resultado desfavorável para sua manutenção na EAAPsi. O item 05 poderia gerar nos respondentes uma confusão no processamento de resposta, de forma que alguns poderiam levar para o lado afetivo – a satisfação –, enquanto outros poderiam levar para o lado comportamental, por se tratar de uma ação de buscar informações. O item 07, por sua vez, poderia gerar nos respondentes processos de resposta tanto afetivo (novamente, a satisfação) quanto cognitivo, uma vez que o conteúdo do item tem características de metacognição. Ainda,

o item 42 pode apresentar conteúdos mais relacionados a um comportamento profissional do que um lado afetivo.

Ainda neste interim, o item 24, que diz respeito a títulos obtidos pelo futuro profissional, pode estar mais relacionado a um conteúdo cognitivo, tendo gerado esta discordância entre os juízes. Sobre o item 34, ele se refere a um hábito, o que pode indicar tanto um aspecto comportamental, quanto um aspecto cognitivo, dado que o ato de se fazer uma pesquisa bibliográfica necessita de um componente cognitivo para acontecer. Diante destas questões, e com o fato de os demais itens terem apresentado uma concordância superior a 70%, a opção em retirar estes cinco itens a reescrevê-los foi considerada a mais viável, levando também em consideração a quantidade de itens que o instrumento poderia ter.

Após estas considerações sobre o Estudo 1, prosseguiu-se com o Estudo 2, que tinha como objetivo verificar a estrutura interna, especialmente no tocante à investigação para o agrupamento dos itens por fator teórico esperado, e os índices de precisão da Escala de Atitude frente à Atuação do Psicólogo (EAAPsi). Os resultados obtidos deste estudo suportam que uma estrutura com três fatores tem um melhor ajuste aos dados, haja visto os índices de ajustes encontrados, que são considerados como satisfatórios (Hu & Bentler, 1999). Para isto, um total de 20 itens precisaram ser excluídos, sendo eles os itens 01, 02, 09, 10, 11, 21, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 34, 36, 37, 39, 50, 51, 52, 53. Contudo, não foi possível confirmar a hipótese de que os fatores que organizam os itens são os propostos na teoria tripartite da Atitude, como explanado por Zanna e Rempel (1988).

Ao tomar como exemplo os itens 03 e 05, que deveria pertencer ao fator teórico Comportamental e Afetivo, respectivamente, ambos se agruparam em um mesmo fator. Mesmo permitindo um modelo de cargas cruzadas, disposto pela modelagem de equações estruturais exploratórias (ESEM), as cargas fatoriais encontradas para o item 03 e 05

demonstram uma forte evidência de pertencerem ao mesmo fator. Situações parecidas com estas acontecem ao longo dos demais itens, o que tornou necessário repensar a estrutura fatorial. Neste sentido, e tomando como base a solução fatorial de três fatores, chegou-se à conclusão de repensar os fatores a partir do conteúdo dos itens, criando, então, os seguintes fatores: Fator 1 nomeado de Competências Profissionais; Fator 2, alcunhado de Ações Antiéticas; e Fator 3, Afetos Negativos. Com isto, obteve-se um total de 21 itens para o fator de Competências Profissionais, 9 itens para o fator Ações Antiéticas e três itens para o fator Afetos Negativos.

Inicialmente, os índices de ajustes apresentados foram considerados satisfatórios, o que somado aos índices de consistência interna, corroboram que as propriedades psicométricas da escala são favoráveis. Em seguida, observa-se que existe uma correlação negativa e de magnitude moderada entre os fatores latentes Competências Profissionais e Ações Antiéticas, fortalecendo uma evidência de validade do tipo discriminante para estes fatores – e isto pode ser compreendido que quanto maior as atitudes que explicam as competências profissionais percebidas pelos graduandos, menores são as atitudes relacionadas às ações antiéticas que os mesmos poderiam apresentar. Em contrapartida, o fator latente Afetos Negativos não demonstrou resultados de associação significativa com os demais fatores, o que não permite inferir que os itens que o compõem conseguem, de fato, ser discriminados em relação aos demais fatores.

Diante dos resultados encontrados no Estudo 2, resolveu-se prosseguir com o Estudo 3, tendo em vista que as evidências de validade baseadas em variáveis externas poderiam ajudar a compreender melhor quanto ao uso da EAAPsi. Para isto, uma correlação de Pearson foi realizada para verificar o grau de associação entre a EAAPsi com uma escala de interesses de atuação nas áreas da Psicologia, a EIAPsi (Ambiel & Martins, 2019) e uma escala que avalia os fatores protetivos para um desenvolvimento

humano saudável, ou seja, as forças de caráter (EFC; Noronha & Barbosa, 2016). Inicialmente, discutir-se-á os resultados achados entre a EAAPsi e a EIAPsi, para, em seguida, realizar a discussão com os resultados da EFC com a EAAPsi e, por fim, com a EIAPsi.

Sobre as associações entre os fatores da EAAPsi e da EIAPsi, a primeira a ser mencionada é com a área da Psicologia do Esporte. O resultado encontrado demonstra uma correlação positiva e de magnitude alta entre esta área de atuação da Psicologia e a vivência de Afetos Negativos e de Ações Antiéticas. Em outras palavras, pessoas com maiores interesses nesta área podem ter uma tendência a vivenciar sentimentos e emoções mais negativas no curso de Psicologia, bem como ter um menor conhecimento sobre a postura ética do Psicólogo. Uma explicação plausível para isto pode ser encontrada na baixa carga horária (ou até mesmo a ausência dela) que os cursos de graduação, via de regra, destinam à esta disciplina. Outro ponto que pode ser levantado é que a prática nesta área profissional é cerceada de tensões, haja visto a necessidade de se obter resultados. Ainda, vale ressaltar que não foi encontrado um resultado significativo entre esta área de atuação e a nota geral para forças de caráter – construto este que fornece um fator protetivo para o sujeito face às adversidades.

Em um caminho semelhante, a área de atuação da Psicologia do Trânsito e a sua associação com as atitudes para atuação na Psicologia e as Forças de Caráter. Novamente, pode-se levantar a hipótese de que este nicho de atuação é apenas vivenciado, em termos de formação, após a conclusão da graduação, em cursos de especialização *latu sensu*. Assim, a falta de experiência na graduação pode ter impactado os resultados das associações entre a área do Trânsito com EAAPsi e a EFC, uma vez que não foi possível encontrar valores estatísticos de  $r$  significativos para o fator Competências Profissionais e a nota geral de forças de caráter.

Neste interim, percebe-se que a associação entre a área da Psicologia Jurídica e o fator Afetos Negativos da EAAPsi teve uma direção positiva e uma magnitude alta. Isto pode ser explicado pelas vivências que a área jurídica, no tocante à Psicologia, possui. Ou seja, em sua formação, é comum que o graduando precise estudar temas como Abuso e Violência em mulheres e crianças, de cunho físico, psicológico ou sexual, Alienação Parental, Tutela e Curatela, além do mundo carcerário, que também se encontra como objeto de estudo da Psicologia Jurídica.

Para a área de Saúde, os valores de associação para com a EAAPsi se deram significativos com Afetos Negativos e Competências Profissionais, ainda que somente com o primeiro fator o resultado tenha sido de grau moderado. Apesar disto, percebe-se também que para com a nota geral de forças caráter, o resultado também foi de direção positiva e grau moderado. Assim, ainda que a área de atuação na Saúde da Psicologia seja marcada por desafios e vivências de sentimentos e afetos negativos, pessoas que tendem a se identificar com esta área podem também possuir fatores protetivos, buscando estar ciente do seu local de atuação e formas de se tornar um melhor profissional.

Um resultado que chama a atenção está nas associações entre a área de Avaliação Psicológica (AP) e a EAAPsi. Enquanto se obteve uma correlação positiva e de grau baixo entre AP e o fator Afetos Negativos, o grau da correlação para com o fator Competências Profissionais pode ser considerado moderado. Uma possível explicação está na forma criteriosa e de alto conhecimento teórico e técnico que a realização de um processo de AP requer. Em suma, estes resultados podem indicar que, apesar de a área de Avaliação Psicológica incitar emoções de cunho negativo em estudantes, os mesmos possuem uma visão mais clara sobre a necessidade de se preparar para a atuação e as possíveis competências necessárias desta área, tais como a leitura de manuais técnicos, artigos, conhecimento sobre as resoluções da área, dentre outros.

Para a área de atuação da Neuropsicologia, encontrou-se associações significativas, positivas e de grau moderado com o fator de Afetos Negativos da EAAPsi. Sabe-se que a Neuropsicologia tem a ver com a reabilitação neuropsicológica de crianças, jovens, adultos e idosos, além de ser uma área em crescimento, com especial atenção aos transtornos do desenvolvimento humano. Esta situação pode contribuir para a vivência de sentimentos e emoções mais negativos na percepção da atuação profissional, o que corrobora o resultado encontrado neste estudo.

Por fim, mas não menos importante, a área de atuação da Psicologia Clínica obteve um resultado diferente das demais áreas. Não somente ela obteve associações significativas com todos os fatores da EAAPsi, as direções e as magnitudes variaram de uma forma que chama a atenção, bem como o resultado com a nota geral para forças de caráter. Primeiramente, apesar de magnitude fraca, a correlação positiva com o fator Competências Profissionais pode indicar que existe uma preocupação dos que pretendem atuar nesta área em ter atitudes mais comprometidas. Mesmo assim, esta é uma área que os graduandos parecem saber das dificuldades a ser encontradas, visto que houve uma associação positiva com o fator Afetos Negativos. Contudo, para o fator Ações Antiéticas, a direção do coeficiente  $r$  foi negativa, podendo ser um indicativo de um maior conhecimento sobre a postura profissional para aqueles que possuem interesse nesta área. Para a EFC, a associação foi positiva e de magnitude moderada, de forma que é possível inferir que pessoas interessadas nesta área também conseguem ter mais fatores protetivos.

Sobre as correlações da nota geral da Escala de Forças de Caráter com as atitudes para atuação profissional na Psicologia, a associação positiva e de grau moderado indica que pessoas com mais desenvolvimento sobre suas forças de caráter estão mais preocupadas com suas competências profissionais. Isto pode ser explicado pela forma com que estudantes que apresentam maiores atitudes para com sua graduação são também

aqueles que possuem maiores níveis de características pessoais e positivas para lidar com as exigências que o curso de Psicologia requer.

## Considerações Finais

A ideia propulsora para a presente tese de doutorado veio de uma preocupação pessoal com a observação das dificuldades dos estudantes de Psicologia no que diz respeito à sua prática profissional. Diante disso, optou-se por compreender melhor a Atitude dos estudantes de Psicologia em diferentes momentos da sua formação, afinal, a Atitude apresenta um importante papel no que diz respeito a determinação de comportamentos.

Conhecer, então, as Atitudes destes estudantes pode contribuir para uma formação mais pautada em conceitos éticos e procedimentos técnicos, como proposto para o desempenho profissional na área da Psicologia. Diante da inexistência de um instrumento voltado para esta compreensão, foi necessário construir e verificar as evidências de validade de uma escala que avaliasse a Atitude desse nicho de graduandos frente à sua futura profissão. Sendo assim, esse se tornou o objetivo da presente tese: construir e buscar evidências de validade para uma escala de atitudes de estudantes de Psicologia frente à atuação do psicólogo, a EAAPsi.

A construção da escala, foi baseada na teoria tripartite da Atitude, que propõe que a atitude é composta por três componentes, a saber, cognitivo, afetivo e comportamental. Desta forma, seus itens foram produzidos com o objetivo de abranger tais componentes de forma equilibrada. A análise de juízes realizada no Estudo 1 teve um resultado satisfatório, demonstrando evidências de validade baseadas no conteúdo. Esperava-se, portanto, que os resultados do Estudo 2 da EAAPsi indicassem para uma estrutura de três fatores, cognitivo, afetivo e comportamental. Contudo, esta hipótese não foi possível de ser confirmada e, apesar dos resultados terem apontado para uma estrutura de três fatores, os itens da escala não ficaram divididos da forma inicialmente proposta.

Diante dessa situação, optou-se pela criação de novos fatores, baseado no agrupamento dos itens, sem tirar o peso dos componentes cognitivo, afetivo e comportamental que os itens possuíam. Assim, os novos fatores propostos ficaram da seguinte maneira, a saber a) Competências Profissionais, que carregam itens relacionadas às práticas profissionais; b) Afetos Negativos, com itens que se referem à como os estudantes se sentem em relação à prática, voltado às possíveis angústias sentidas por eles; e, por fim, c) Ações antiéticas, que apresenta item relacionados à práticas não esperadas por estes futuros profissionais, sendo assim, avaliando o grau de conhecimento desses alunos frente a sua futura atuação como psicólogos.

Ainda, o Estudo 3 verificou o grau de associação da EAAPsi com as forças de caráter e os interesses profissionais dos estudantes de Psicologia. Os resultados deste estudo indicaram que a escala de atitudes apresenta evidências de validade baseadas em variáveis externas de forma satisfatória, em especial com algumas áreas de atuação profissional, como a Psicologia Clínica, Neuropsicologia, Psicologia Escola e Educacional, Psicologia Jurídica, Psicologia do Esporte e Psicologia do Trânsito. Estes resultados podem fomentar a discussão de uma formação profissional mais integrada, em que teoria e prática destes campos possam ser apresentados desde cedo aos graduandos.

Como apresentado no início, o objetivo desta tese foi impulsionado pelo desejo de entender melhor as atitudes de estudantes de Psicologia frente à sua futura prática profissional. Entende-se que os resultados aqui achados podem ser considerados satisfatórios, mas que novos estudos sejam realizados para sanar algumas possíveis lacunas. A primeira lacuna está na ampliação da amostra e na investigação da própria estrutura fatorial. Ainda que a estrutura fatorial tenha apresentado índices de ajustes satisfatórios, o não agrupamento dos itens de acordo com os fatores teóricos esperados pode ser explicado com duas hipóteses: a) os participantes deste estudo vieram de uma

amostra não probabilística e aleatória, o que pode ter interferido no agrupamento dos itens; b) a teoria tripartite, norte da construção dos itens da EAAPsi, precisa ser revista, uma vez que a análise de juízes indicaram índices de concordâncias considerados ótimos e a análise empírica para o agrupamento dos itens não conseguiu ser replicado.

Também se aponta que estudos futuros possam se utilizar de diferentes variáveis psicológicas, como traços de personalidade, autoeficácia e motivos de evasão para o ensino superior. Conjectura-se que os diferentes níveis dos traços de personalidade como Extroversão, Conscienciosidade, Abertura ao Novo, bem como o grau de autoeficácia para o desenvolvimento das atividades do ensino superior e possíveis motivos de evasão possam contribuir para o aprimoramento da escala, bem como obter mais informações sobre a atitude dos graduandos de Psicologia.

## Referências

- Albarracín, D., Johnson, B. T., Zanna, P. M. & Kumkale, G. T. (2014). *Attitudes: Introduction and scope*. Em Albarracín, D., Johnson, B. T., & Zanna, P. M. (Ed.), *The handbook of attitudes* (pp. 3-20). New York and London: Psychology Press.
- Ajzen, I. & Fishbein, M. (1975). Attitude – Behaviour Relations. A Theoretical Analysis and Review of Empirical Research. *Psychological Bulletin*. 84, 888, 918.
- Ajzen, I. (2001). Nature and operation of attitudes. *Annual Review of Psychology*, 52, 27-58.
- Allport, G. H. (1935). Attitudes. Em C. Murchinson (Org.), *Handbook of Social Psychology*. Worcester: Clark University Press, 119-157.
- Ambiel, R. A. M., & Martins, G. H. (2016). *Escala de interesses por áreas da psicologia*. Relatório técnico não publicado.
- Ambiel, R. A. M., & Martins, G. H. (2019). Estudo psicométrico da Escala de Interesses por Áreas da Psicologia (EIAPsi) [Psychological study of the Interests by Areas of Psychology Scale (EIAPsi)]. *Psico*, 50(4), e-32840. doi:10.15448/1980-8623.2019.4.32840
- Antunes, M. A. M. (2012). A Psicologia no Brasil: um ensaio sobre suas contradições. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32, 44-5.  
<https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000500005>
- Aronson, E. (1992). The return of the repressed: dissonance theory makes a comeback. *Psychological Inquiry*, 3(4), 303-311.
- Bastos, A. V. B., Achcar, R. (1994). Dinâmica profissional e formação do psicólogo: uma perspectiva de integração. Em Conselho Federal de Psicologia, *Psicólogo*

*brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 245-271.

Brasil (1962). Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre a formação em Psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. Recuperado de: [http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/lei\\_1962\\_4119.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/lei_1962_4119.pdf)

Brasil. (1971). Lei nº 5.766, de 20 de dezembro de 1971. Cria o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicologia e dá outras providências. Recuperado de: [http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/lei\\_1971\\_5766.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/lei_1971_5766.pdf)

Brasil. (1996). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Brasília, DF: Ministério da Educação.

Brasil. (1997). Edital nº 04/1997. Brasília, DF: Ministério da Educação.

Brasil. (2004). *Resolução CNE/CES Nº 8, de 7 de maio de 2004*. Diretrizes Curriculares para os cursos de Psicologia. Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação.

Brasil (2009). Parecer CNE/CES Nº 338, de 12 de novembro de 2009. *Aprecia a Indicação CNE/CES nº 2/2007, que propõe a alteração do art. 13 da Resolução CNE/CES nº 8, de 7 de maio de 2004, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia*. Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação, 2009.

Brasil (2011) Resolução CNE/CES Nº 5 de 15 de março de 2011. *Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, estabelecendo normas para*

*o projeto pedagógico complementar para a Formação de Professores de Psicologia*. Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação.

Bock, A. M. et al. *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2001.

Botti, N. C. L, Araújo, L. M. C., Costa, E. E., & Machado, J. S. A. (2015). Nursing students attitudes across the suicidal behavior. *Investigación y educación em enfermaría*, 33(2), 334-342,

Breckler, S.J. (1984). Empirical validation of affect, behavior, and cognition as distinct components of attitude. *Journal of Personality and Social Psychology*, 47, 1191–1205

Cacioppo, J. T., Petty, R. E., Losch, M. E., & Kim, H. S. (1986). Electromyographic activity over facial muscle regions can differentiate the: valence and intensity of affective reactions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 260-268.

Carraro, T. E., Rassool, G. H., Luis, M. A. V. (2005). A formação do enfermeiro e o fenômeno das drogas no sul do Brasil: atitudes e crenças dos estudantes de enfermagem sobre o cuidado. *Rev Latino-am Enfermagem* (13), 863-871.

Carvalho, A. M. A. (1984). Atuação psicológica: Alguns elementos para uma reflexão sobre os rumos da profissão e da formação. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 4 (2), 7-9.

Cawley, M. J., Martin, J. E., & Johnson, J. A. (2000). A virtues approach to personality. *Personality and Individual Differences*, 28, 997-1013. doi:10.1016/S0191-8869(99)00207-X

- Cialdini, R. B., Trost, M. R., & Newsom, J. T. (1995). Preference for consistency: The development of a valid measure and the discovery of surprising behavioral implications. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 318–328.
- Chaiken S., Liberman A., & Eagly, A. H. (1989). Heuristic and systematic processing within and beyond the persuasion context. Em Uleman, J. S., Bargh, J. A. *Unintended thought*. New York: Guildford, 212-252.
- Classificação Brasileira de Ocupações: CBO - 2010 - 3a ed. Brasília : MTE, SPPE, 2010.
- Colares, M. D. F. A., Troncon, L. E. D. A., Figueiredo, J. F. C., Cianflone, A. R. L., Rodrigues, M. D. L. V., Piccinato, C. E., ... & Coleta, J. A. D. (2002). Construção de um instrumento para avaliação das atitudes de estudantes de medicina frente a aspectos relevantes da prática médica. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 26(3), 194-203.
- Crano, W. D., & Prislin, R. (2008). *Attitudes and Attitude Change*. New York : Psychology Press.
- Cruz, R. M. (2016). Editorial Competências Científicas e Profissionais e Exercício Profissional do Psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(2), 251-254. DOI: 10.1590/1982-3703003522016.
- Curry, B. M., & Neto, J. L. F. (2014). Do currículo mínimo às diretrizes curriculares: os estágios na formação do psicólogo. *Psicologia em Revista*, 20(3), 494-512.
- Damasceno, N. F. O., Müller, N., Cordeiro, M. J. J. A., Missio, L., Reis, C. B., & Sales, C. M. (2016). Formação em psicologia: o processo histórico e a análise de um projeto político pedagógico. *Interfaces da Educação*, 7(21), 243-264.

- Dametto, D. D. (2017). *Construção e estudos psicométricos da escala de forças de caráter para adolescentes*. Tese de doutorado não-publicada, Programa de Pós Graduação Stritu Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco Campinas, SP.
- Davidoff, L. L. (1983) *Introdução à Psicologia* São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.
- Dias, A. C. G, Patias, N. D., & Abaid, J. L. W. (2014). Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: algumas reflexões. *Psicologia Escolar e Educacional*, 18(1), 105-111. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572014000100011>
- Duran, A. P. (1994). Alguns dilemas na formação do psicólogo: buscando sugestões para superá-los. Em Conselho Federal de Psicologia, *Psicólogo brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 273-310.
- Eagly, A. H., & Chaiken, S. (1993). *The psychology of attitudes*. Fort Worth, TX: Harcourt Brace Jovanovich.
- Eagly, A. H. & Chaiken, S. (1998). Attitude structure and function. Em Gilbert, D.T. et al. (Eds.), *Handbook of social psychology*, Boston: McGraw-Hill. 4ª ed. (Vol. 1, pp. 269-322).
- Espinoza-Venegas, M., Luengo-Machuca, L., & Sanhueza-Alvarado, O. (2016). Actitudes en profesionales de enfermería chilenos hacia el cuidado al final de la vida. *Análisis multivariado*, 16 (4): 430-446. Doi: 10.5294/aqui.2016.16.4.3
- Fabrigar, L. R., MacDonald, T. K., & Wegener, D. T. (2014). The Structure of Attitudes. Em Albarracín, D., Johnson, B. T., & Zanna, P. M. (Ed.), *The handbook of attitudes* (pp. 79-124). New York and London: Psychology Press.

- Fazio, R. H., & Cooper, J. (1984). A new look at dissonance theory. *Advances in experimental social psychology*, 17, 229-266.
- Fazio, R. H. (1990). Multiple processes by which attitudes guide behavior: The MODE model as an integrative framework. Em Zanna, M. P (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 23, pp. 75-109). New York: Academic Press.
- Fazio, R. H., & Olson, M. A. (2003). Attitudes: Foundations, functions, and consequences. Em Hogg, M. A., & Cooper, J. (Orgs.), *The sage handbook of social psychology*. London: Sage, 139-160.
- Fishbein, M., & Ajzen, I. (1975). *Belief, Attitude, Intention, and Behavior: An Introduction to Theory and Research*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Fabrigar, L. R., MacDonald, T. K., & Wegener, D. T. (2014). The Structure of Attitudes. In D. Albarracín, B. T. Johnson, & P. M. Zanna (Orgs.), *The handbook of attitudes* (pp. 79-124). New York and London: Psychology Press.
- Freire, T., & Fonte, C. (2007). Escala de Atitude face ao lazer em adolescentes e jovens adultos. *Paidéia*, 17(36), 79-87.
- Gomide, P. I. C. (1998). A formação acadêmica: onde existem suas deficiências. Em Conselho Federal de Psicologia, *Quem é o psicólogo brasileiro?* São Paulo: EDICON, 69-85.
- Gondim, S. M. G. (2002). Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. *Estudos Psicológicos*, 7(2), 299-309.
- Guareschi, N. M. F. et al. (2010). *Psicologia, formação, política e produção em saúde*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

- Hemphill, J. (2003) Interpreting the Magnitudes of Correlation Coefficients. *American Psychologist*, 58, 78-79. <http://dx.doi.org/10.1037/0003-066X.58.1.78>
- Holland, J. L. (1997). *Making vocational choices: A theory of vocational personalities and work environments* (3rd ed.). Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Hu, L. & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 6, 1-55. doi: 10.1080/10705519909540118
- Kendler, H. (1968): Introdução à Psicologia, Iº volume, 4ª Edição, Fundação Calouste Gulbenkian., Lisboa.
- Kimura, H. (2003). Aspectos Comportamentais Associados às reações do mercado de capitais. *RAE-eletrônica*, 2(1), 2-14.
- Lamas, K. C. A. (2017). Conceito e relevância dos interesses profissionais no desenvolvimento de carreira: Estudo teórico [Concept and relevance of vocational interests in career development: A theoretical study]. *Temas em Psicologia*, 25(2), 703-717. doi:10.9788/TP2017.2-16Pt
- Lent, R. W., Brown, S. D., & Hackett, G. (1994). Toward a unifying social cognitive theory of career and academic interest, choice, and performance. *Journal of Vocational Behavior*, 45(1), 79-122. doi:10.1006/jvbe.1994.1027
- Langenbach, M. & Negreiros, T. C. G. M. (1988). A formação complementar: um labirinto profissional. Em: Conselho Federal de Psicologia. *Quem é o psicólogo brasileiro?* (pp.86-99) São Paulo: Edicon.

- Lima, L. P. (2002). Atitudes: Estrutura e mudança. In J. Vala & M. B. Monteiro (coords.), *Psicologia Social* (pp. 187-225). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lima, V. C., & Souza, R. T. (2014). Formação humana e competências: o debate nas diretrizes curriculares de psicologia. *Psicologia & Sociedade*, 26(3), 792-802.
- Lisboa, F. S., & Barbosa, A. J. G. (2009). Formação em Psicologia no Brasil: Um Perfil dos Cursos de Graduação. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29 (4), 718-737.
- Massimi, M. (1990). *História da psicologia brasileira: da época colonial até 1934*. São Paulo: EPU.
- Medeiros, J. G. (1989). O currículo como objeto de pesquisa. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 9(1), 16-18.
- Monahan, J. L, Murphy, S. T., & Zajonc. R. B. (2000). SUBLIMINAL MERE EXPOSURE: Specific, General, and Diffuse Effects. *American Psychological Society* (11)6, 462, 466.
- Neiva, E. R., & Mauro, T. G. (2011). Atitude e mudanças de Atitude. Em Torres, C. V., & Neiva, E. R. (Orgs.) *A psicologia social no Brasil: Principais temas e vertentes*. Porto Alegre: Artmed, 170-203.
- Noronha, A. P. P., & Batista, H. H. V. (2017). Escala de Forças e Estilos Parentais: Estudo Correlacional. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 8, 2-19. <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2016v8n2p02>
- Noronha, A. P. P., & Barbosa, A. J. G. (2016). Forças e Virtudes: Escala de Forças de caráter. In C. S. Hutz (Org.), *Avaliação em Psicologia Positiva: Técnicas e Medidas* (pp. 21-43). São Paulo: CETEPP

- Noronha, A. P. P., & Barbosa, A. J. G. (2013). *Escala de forças de caráter*. Relatório técnico não publicado.
- Noronha, A. P. P., Dellazzana-Zanon, L. L., & Zanon C. (2015). Internal Structure of the Strengths and Virtues Scale in Brazil. *Psico-USF*, 20(2), 229-235. doi: 10.1590/1413-82712015200204
- Olson, J. M., & Maio, G. R. (2006). Attitudes in social behavior. Em Millon, T. & Lerner, M. J. (Orgs.), *Comprehensive handbook of psychology*. Hoboken, NJ: Wiley. 299-325.
- Olson, J. M., & Zanna, M. P. (1993). Attitudes and attitude change. *Annu. Rev. Psychol.* 44, 117-54.
- Omotte, S., Oliveira, A. A. S., Baleotti, L. R., Martins, S. E. S. O. (2005). Mudança de atitudes sociais em relação à inclusão. *Paidéia* (15)32, 387-398.
- Park, N., Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2004). Strengths of character and well-being. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 23(5), 603-619. doi: 10.1521/jscp.23.5.603.50748
- Pereira, J. B. C. (2008). *A relação entre as dimensões de justiça organizacional e as atitudes dos indivíduos diante da diversidade*. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, Tese (Doutorado Administração). 2008.
- Pereira, F. M., & Pereira Neto, A. (2003). *Psicologia em Estudo*, 8(2), 19-27.
- Perloff, R. M. (2017) *The Dynamics of Persuasion*. Routledge.
- Pessotti, I. (1988). Notas para uma história da psicologia brasileira. Em: Conselho Federal de Psicologia. *Quem é o psicólogo brasileiro?* (pp.17-31) São Paulo: Edicon.

- Petty, R. E., Wheeler, S. C., & Tormala, Z. L. (2003). Persuasion and Attitude change. Em Millon, T., Lerner, M. J., & Weiner, I. B. (Orgs.) *Handbook of Psychology, Personality and Social Psychology* (pp. 299-382) New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Petty, R. E., & Cacioppo, J. T. (1986). The elaboration likelihood model of persuasion. *Advances in experimental social psychology, 19*, 123-162.
- Petty, R. E., Wegener, D. T., & Fabrigar, L. R. (1997). Attitudes and attitudes change. *Annual review of Psychology, 48*, 609-647.
- Pyszczynski, T., Greenberg, J., Solomon, S., Sideris, J. & Stubing, M. J. (1993). Emotional expression and reduction of motivated cognition bias: Evidence from cognitive dissonance and distancing from victims' paradigms, *Journal of Personality and Social Psychology, 64*(2), 177-186.
- Ribeiro, A. B., Paiva, I. L., Seixas, P. S., & Oliveira, I. M. F. F. (2014). Desafios da atuação dos psicólogos nos CREAS do Rio Grande do Norte. *Fractal : Revista de Psicologia, 26*(2), 461-478. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/421>
- Rocha Jr., A. (1999). Das discussões em torno da formação em psicologia às diretrizes curriculares. *Psicologia: Teoria e Prática, 1*(2), 3-8.
- Rosenberg, M. J., & Hovland, C. I. (1960). Cognitive, affective and behavioral components of attitudes. Em Rosenberg, M. J. (Ed.), *Attitude organization and change*(pp. 1-14). New Haven, CT: Yale University Press.
- Rounds, J., & Su, R. (2014). The nature and power of interests. *Current Directions in Psychological Science, 23*(2), 98-103. doi:10.1177/0963721414522812

- Seibel, B. L., Sousa, D., & Koller, S. H. (2015). Adaptação Brasileira e Estrutura Fatorial da Escala 240-item VIA Inventory of Strengths. *Psico-USF*, 20(3), 371-383. doi: 10.1590/1413-82712015200301
- Seligman, M. E. P., & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: Introduction. *American Psychologist*, 55, 5-14. doi:10.1037/0003-066X.55.1.5
- Seligman, M. (2009). *Felicidade autêntica: usando a Psicologia Positiva para a realização permanente*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2010). Psicologia Positiva e os instrumentos de Avaliação no contexto brasileiro. *Psicologia: Reflexão e Crítica* (23)3, 440-448.
- Schimmack, U., & Crites Jr., S. L. (2014). The Structure of Affect. Em Albarracín, D., Johnson, B. T., & Zanna, P. M. (Ed.), *The handbook of attitudes* (pp. 397-436). New York and London: Psychology Press.
- Slininger, D.; Sherril, C., & Jankowski, K. (2000). Children's Attitude Toward Peers with Severe Disabilities: revising contact theory. *Adapted Physical Activity Quarterly*. 17, 176-196.
- Snyder, C. R., & Lopez, S. J. (2009). Bem-vindo à psicologia positiva. Em Snyder, C. R. & Lopez, S. J. (Eds), *Psicologia positiva: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas* (pp. 18-33). Porto Alegre: Artmed.
- Soares, A. R. A psicologia no Brasil. (1979). Em: Conselho Federal de Psicologia. *Psicologia ciência e profissão*. (Edição especial), n.0, 09-59.
- Souto, T. S.; Batista, S. H.; & Batista, N. A. (2014). A educação interprofissional na formação em Psicologia: olhares de estudantes. *Psicologia: Ciência e*

*Profissão*, 34(1), 32-45. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932014000100004>

Souza Filho, M. L., Oliveira, J. S. C., & Lima, F. L. A. (2006). Como as pessoas percebem o psicólogo: um estudo exploratório. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 16(34), 253-261. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2006000200013>

Steele, C. M. (1988). The psychology of self-affirmation: Sustaining the integrity of the self. Em L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 21, pp. 261–302). New York: Academic Press.

Teixeira, J. A. C. (2004). Psicologia da Saúde. *Análise Psicológica* [online], 3 (XXII), 441-448.

Tesser, A., & Shaffer, D. R. (1990). Attitude and attitude change. *Annual Review of Psychology* (41), 479-523.

Thurstone, L. L. (1946) Comment. *American Journal of Sociology* 52, 39-50.

Uvaldo, C. C. (1995). A relação homem-trabalho. Em A. M. Bock (Org.). *A escolha profissional em questão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 215-237.

Zanna, M. P., & Rempel, J. K. (1988). Attitudes: A new look at an Old Concept. Em Bar-Tal, D., & Kruglanski (Orgs.). *The Social Psychology of Knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press. Pp 315-334.

## Anexos

### Anexo 1- Formulário para Avaliação de Juízes



Prezado(a) Professor(a),

Inicialmente gostaria de agradecer a participação no projeto intitulado “Estudos psicométricos da Escala de Atitude frente à Atuação do Psicólogo”.

A presente etapa deste projeto, denominada estudo de validação de conteúdo por meio de análise de juízes especialistas, tem como objetivo verificar a pertinência teórica dos itens da Escala de Atitudes frente à Atuação do Psicólogo, e se os mesmos refletem de forma correta o construto no domínio escolhido (Atitude). Os itens da escala foram construídos com base na literatura Psicossocial, tendo como referência o modelo tripartido revisto de Atitude (Zanna & Rempel, 1988), medida por meio de afirmações sobre três componentes:

<b>Cognitivo</b>	As informações cognitivas abrangem os pensamentos, percepções, conceitos acerca do objeto, ou seja, aquilo que a pessoa sabe, ou acredita que sabe, sobre o objeto em questão, a atuação do psicólogo.
<b>Afetivo</b>	Esse componente está associado às emoções que o indivíduo apresenta frente ao objeto, nesta pesquisa, o objeto é a “atuação do psicólogo”.
<b>Comportamental</b>	Que avalia como o estudante age ou agiria frente a situações relacionadas à atuação do psicólogo.

Para adequar a teoria da atitude ao objeto “atuação do psicólogo”, foram utilizadas informações referentes à competências e habilidades exigidas para a atuação dessa profissão, retiradas do Código de Ética Profissional do Psicólogo; da Resolução N°006/2007 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), que institui o Código de Processamento Disciplinar e da Resolução N° 5, de 15 de março de 2011(1), que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia.

Foram elaborados 58 itens *Likert*, divididos entre os componentes cognitivo, afetivo e comportamental, com cinco alternativas de resposta variando de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente), que expressam a concordância do estudante frente a cada uma das afirmações sobre a atuação do psicólogo.

O presente projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade São Francisco, parecer 2.866.181, CAAE: 94980718.2.0000.5514.

Segue abaixo as etapas para elaboração da análise de juízes:

1) Preenchimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (*documento Word anexo*)

2) Preenchimento do Questionário de Identificação (*planilha Excel anexa*)

3) Preenchimento da tabela (*disponível na mesma planilha Excel do Questionário de Identificação*) com os itens da escala à esquerda e os componentes no topo. A tabela também possui duas colunas adicionais, uma para indicar a pertinência do item para medir ao que se propõe e outra coluna para possíveis comentários e observações sobre cada item da escala. O juiz deverá avaliar e registrar a qual componente cada item da escala pertence (cognitivo, afetivo ou comportamental), indicar se o item é pertinente ou não e também poderá registrar sugestões ou observações sobre cada item.

Desde já agradeço a participação!

Campinas, 20 de setembro de 2018.

**Camila Cardoso Camilo**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação  
Stricto Sensu da Universidade São Francisco



QUESTIONÁRIO IDENTIFICAÇÃO									
<i>NOME:</i>		<i>ÁREA DE ATUAÇÃO</i> :	( ) Atitude ( ) Atuação em Psicologia ( ) Outra:			<i>LINK CURRÍCULO LATTES:</i>			
<i>GRADUAÇÃO:</i>		<i>TEMPO DE ATUAÇÃO</i> :	<i>anos</i>						
ANÁLISE DE JUÍZES <u>ESCALA DE ATITUDES FRENTE À ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO (EAAPsi)</u>									
Nº	ITEM	COMPONENTES			CONSIDERA O ITEM PERTINENTE?		OBSERVAÇÕES		
		COG.	AFE.	COM.	Sim	Não			
1	Eu gosto estar informado sobre os desafios atuais da sociedade.								
2	A escolha dos instrumentos utilizados para avaliação psicológica deve ser realizada com cautela.								
3	Pretendo fazer cursos de especialização para atuar em uma área específica.								
4	Fico apreensivo com a minha atuação como psicólogo.								
5	Buscar informações em revistas científicas me gera satisfação.								
6	Eu me sinto bem ao trabalhar com base no respeito às pessoas.								
7	Me dá satisfação promover a liberdade das pessoas.								

8	A aplicação de apenas um instrumento psicológico é suficiente para fechar um diagnóstico preciso.						
9	O psicólogo só pode atuar no atendimento clínico.						
10	O trabalho do psicólogo não é utilizado para prevenção de problemas.						
11	Fico aborrecido ao realizar levantamentos de informações em fontes especializadas da Psicologia.						
12	Fico satisfeito em me manter atualizado em Psicologia.						
13	É papel do psicólogo diagnosticar transtornos mentais.						
14	Busco informações em revistas científicas para me atualizar sobre possibilidades de atuação do psicólogo.						
15	Profissionais de qualquer área podem utilizar testes psicológicos.						
16	É papel do psicólogo atuar multiprofissionalmente.						
17	Eu pretendo ensinar técnicas de uso do psicólogo a profissionais de outras áreas de atuação.						

18	O psicólogo deve ser capaz de analisar necessidades de natureza psicológica.						
19	Aplicar teste é o mesmo que avaliação psicológica.						
20	É função do psicólogo produzir laudos .						
21	A prevenção do sofrimento faz parte da atuação do psicólogo.						
22	Participo de eventos científicos da Psicologia e de áreas relacionadas.						
23	O psicólogo deve ter habilidade para preparar atividades profissionais baseadas em análises estatísticas.						
24	Eu só divulgarei títulos/qualificações que realmente possuo.						
25	Manterei a prestação de serviços pelo maior tempo possível.						
26	Fico ansioso ao pensar que terei que estar sozinho com um paciente durante os atendimentos.						
27	Induzirei pessoas ou organizações a recorrerem aos meus serviços.						
28	Me deixa tenso pensar em estar em contato com diversas pessoas.						
29	Utilizarei procedimentos que						

	me tragam retorno financeiro.						
30	Ficarei atento às questões legais da minha profissão.						
31	Me preocupa ter que guardar sigilo sobre os pacientes.						
32	Caso não possa dar continuidade ao atendimento de meu paciente, o encaminharei para outros profissionais.						
33	Gosto de ler livros relacionados à Psicologia.						
34	Tenho o hábito de realizar pesquisas bibliográficas.						
35	Me agrada estudar sobre os transtornos mentais.						
36	O psicólogo tem a obrigação de fazer com que o Código de Ética Profissional seja cumprido.						
37	Denunciarei aos conselhos da profissão, aqueles que não estiverem agindo conforme o Código de Ética.						
38	Avaliação psicológica rotula as pessoas.						
39	Os métodos estatísticos são utilizados para analisar dados em Psicologia.						
40	Não utilizarei práticas psicológicas que causem sofrimento.						
41	É dever do psicólogo cumprir						

	o Código de Ética Profissional.						
42	Eu acho injusto não poder atender familiares próximos aos meus pacientes.						
43	Cabe ao psicólogo levantar informações bibliográficas em fontes especializadas.						
44	Me incomoda ter que pagar o conselho de Psicologia.						
45	Me deixa tranquilo o fato de não ser permitido divulgar resultados de avaliações psicológicas.						
46	O psicólogo pode utilizar instrumentos psicológicos que não tenham validade científica.						
47	O psicólogo analisa a subjetividade humana.						
48	Realizar trabalhos científicos contribui para atuação do psicólogo.						
49	O método de observação faz parte do papel do psicólogo.						
50	Pretendo modificar os resultados das avaliações para atingir determinado objetivo.						
51	Faz parte da prática do psicólogo utilizar métodos estatísticos.						

52	Pretendo ler os manuais técnicos antes da aplicação de instrumentos psicológicos.						
53	Fico entusiasmado utilizar métodos experimentais como forma de investigação científica.						
54	É papel do psicólogo estar atualizado quanto aos desafios atuais de seu campo de atuação.						
55	Me sinto confiante para utilizar instrumentos de avaliação em Psicologia.						
56	Eu fornecerei, somente a quem de direito, os resultados decorrentes da prestação de serviços psicológicos.						
57	Promover a dignidade das pessoas me faz bem.						
58	É responsabilidade do psicólogo conhecer o Código de Ética Profissional.						

*Anexo 2 - Termo de Consentimentos Livre e Esclarecido para juízes*

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (1ª Via)**

**TÍTULO DA PESQUISA: CONSTRUÇÃO E ESTUDOS PSICOMÉTRICOS DA ESCALA DE ATITUDE FRENTE À ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO**

Eu, \_\_\_\_\_  
 RG \_\_\_\_\_, abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade da pesquisadora Camila Cardoso Camilo, doutoranda do Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade São Francisco de Campinas/SP do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco de Itatiba/SP, sob orientação da professora Dr.<sup>a</sup> Claudette Maria Medeiros Vendramini..

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

- 1 - O objetivo da pesquisa é realizar estudos sobre a Escala de Atitude frente à Atuação do Psicólogo (EAAPsi);
- 2- Durante o estudo serão analisados a pertinência teórica dos itens que compõe a Escala de Atitudes frente à Atuação do Psicólogo (EAAPsi) para verificar se os mesmos refletem de forma correta o construto no domínio atitudes, com duração de, aproximadamente, 50 minutos;
- 3 - Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;
- 4- A resposta a este questionário não causa riscos conhecidos à minha saúde física e mental, não sendo provável, também, que causem constrangimento;
- 5 - Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa, o que não me causará nenhum prejuízo;
- 6 – Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
- 7 - Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa na Avenida São Francisco de Assis, 218 - Jardim São Jose, Bragança Paulista ou pelo telefone (11) 2454-8981;
- 8 - Poderei entrar em contato com a responsável pelo estudo, Camila Cardoso Camilo pelo e-mail: camilaccamilo1@gmail.com ou pelo telefone (19) 9 9792 - 2011;
- 9- Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com a pesquisadora.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
 Local Data

Assinatura do Sujeito de Pesquisa: \_\_\_\_\_

Assinatura do Pesquisador Responsável: \_\_\_\_\_

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (2ª Via)**

**TÍTULO DA PESQUISA: CONSTRUÇÃO E ESTUDOS PSICOMÉTRICOS DA ESCALA DE ATITUDE FRENTE À ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO**

Eu, \_\_\_\_\_  
 RG \_\_\_\_\_, abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade da pesquisadora Camila Cardoso Camilo, doutoranda do Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade São Francisco de Campinas/SP do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco de Itatiba/SP, sob orientação da professora Dr.<sup>a</sup> Claudette Maria Medeiros Vendramini..

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

- 1 - O objetivo da pesquisa é realizar estudos sobre a Escala de Atitude frente à Atuação do Psicólogo (EAAPsi);
- 2- Durante o estudo serão analisados a pertinência teórica dos itens que compõe a Escala de Atitudes frente à Atuação do Psicólogo (EAAPsi) para verificar se os mesmos refletem de forma correta o construto no domínio atitudes, com duração de, aproximadamente, 50 minutos;
- 3 - Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;
- 4- A resposta a este questionário não causa riscos conhecidos à minha saúde física e mental, não sendo provável, também, que causem constrangimento;
- 5 - Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa, o que não me causará nenhum prejuízo;
- 6 – Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
- 7 - Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa na Avenida São Francisco de Assis, 218 - Jardim São Jose, Bragança Paulista ou pelo telefone (11) 2454-8981;
- 8 - Poderei entrar em contato com a responsável pelo estudo, Camila Cardoso Camilo pelo e-mail: camilaccamilo1@gmail.com ou pelo telefone (19) 9 9792 - 2011;
- 9- Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com a pesquisadora.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
 Local Data

Assinatura do Sujeito de Pesquisa: \_\_\_\_\_

Assinatura do Pesquisador Responsável: \_\_\_\_\_

*Anexo 3 – Questionário de identificação do sujeito***Identificação dos participantes**

1. Nome:
2. Idade:
3. Sexo:
  - Feminino
  - Masculino
  - Prefiro não responder
4. Estado civil:
  - Solteiro
  - União estável/casado
  - Divorciado/separado
  - Viúvo
5. Você tem filhos?
  - Não
  - Sim, 01 filho
  - Sim, 02 filhos
  - Sim, 04 filhos
  - Sim, 05 filhos
  - Sim, 06 filhos ou mais
6. Como você se declara?
  - Branca
  - Preta
  - Amarela
  - Parda
  - Indígena
7. Você trabalha?
  - Sim
  - Não
8. Se você trabalha, é na área de Psicologia?
  - Não trabalho
  - Trabalho, mas não é na área de Psicologia
  - Trabalho na área da Psicologia
9. Marque sua faixa de rendimentos mensais:
  - Até R\$1.045,00
  - R\$1.046,00 - R\$2.090,00
  - R\$2.091,00 - R\$4.180,00

- R\$4.181,00 - R\$6.270,00
- R\$6.271,00 - R\$8.360,00
- R\$8.361,00 ou acima

10. Em qual estado você mora atualmente?

11. Sua graduação em Psicologia está sendo realizada em uma instituição:

- Privada
- Pública

12. A graduação em Psicologia é sua primeira graduação?

- Sim
- Não, é minha segunda graduação
- Não, é minha terceira graduação
- Não, já fiz 4 graduações ou mais

13. Em qual turno você cursa sua graduação?

- Matutino
- Vespertino
- Noturno
- Integral

14. Qual semestre você está cursando?

*Anexo 4 – Escala de Atitudes frente à Atuação do Psicólogo – versão coleta*

<b>Nº</b>	<b>Item</b>	<b>Componente</b>
1	Eu gosto estar informado sobre os desafios atuais da sociedade.	Afetivo
2	A escolha dos instrumentos utilizados para avaliação psicológica deve ser realizada com cautela.	Cogn.
3	Pretendo fazer cursos de especialização para atuar em uma área específica.	Comport.
4	Fico apreensivo com a minha atuação como psicólogo.	Afetivo
5	Eu me sinto bem ao trabalhar com base no respeito às pessoas.	Afetivo
6	A aplicação de apenas um instrumento psicológico é suficiente para fechar um diagnóstico preciso.	Cogn.
7	O psicólogo só pode atuar no atendimento clínico.	Cogn.
8	O trabalho do psicólogo não é utilizado para prevenção de problemas.	Cogn.
9	Fico aborrecido ao realizar levantamentos de informações em fontes especializadas da Psicologia.	Afetivo
10	Fico satisfeito em me manter atualizado em Psicologia.	Afetivo
11	É papel do psicólogo diagnosticar transtornos mentais.	Cogn.
12	Busco informações em revistas científicas para me atualizar sobre possibilidades de atuação do psicólogo.	Comport.
13	Profissionais de qualquer área podem utilizar testes psicológicos.	Cogn.
14	É papel do psicólogo atuar multiprofissionalmente.	Cogn.
15	Eu pretendo ensinar técnicas de uso do psicólogo a profissionais de outras áreas de atuação.	Comport.
16	O psicólogo deve ser capaz de analisar necessidades de natureza psicológica.	Cogn.
17	Aplicar teste é o mesmo que avaliação psicológica.	Cogn.
18	É função do psicólogo produzir laudos .	Cogn.
19	A prevenção do sofrimento faz parte da atuação do psicólogo.	Cogn.
20	Participo de eventos científicos da Psicologia e de áreas relacionadas.	Comport.
21	O psicólogo deve ter habilidade para preparar atividades profissionais baseadas em análises estatísticas.	Cogn.
22	Manterei a prestação de serviços pelo maior tempo possível.	Comport.
23	Fico ansioso ao pensar que terei que estar sozinho com um paciente durante os atendimentos.	Afetivo
24	Induzirei pessoas ou organizações a recorrerem aos meus serviços.	Comport.
25	Me deixa tenso pensar em estar em contato com diversas pessoas.	Afetivo
26	Utilizarei procedimentos que me tragam retorno financeiro.	Comport.
27	Ficarei atento às questões legais da minha profissão.	Comport.
28	Me preocupa ter que guardar sigilo sobre os pacientes.	Afetivo
29	Caso não possa dar continuidade ao atendimento de meu paciente, o encaminharei para outros profissionais.	Comport.
30	Gosto de ler livros relacionados à Psicologia.	Comport.
31	Me agrada estudar sobre os transtornos mentais.	Afetivo

32	O psicólogo tem a obrigação de fazer com que o Código de Ética Profissional seja cumprido.	Cogn.
33	Denunciarei aos conselhos da profissão, aqueles que não estiverem agindo conforme o Código de Ética.	Comport.
34	Avaliação psicológica rotula as pessoas.	Cogn.
35	Os métodos estatísticos são utilizados para analisar dados em Psicologia.	Cogn.
36	Não utilizarei práticas psicológicas que causem sofrimento.	Comport.
37	É dever do psicólogo cumprir o Código de Ética Profissional.	Cogn.
38	Cabe ao psicólogo levantar informações bibliográficas em fontes especializadas.	Cogn.
39	Me incomoda ter que pagar o conselho de Psicologia.	Afetivo
40	Me deixa tranquilo o fato de não ser permitido divulgar resultados de avaliações psicológicas.	Afetivo
41	O psicólogo pode utilizar instrumentos psicológicos que não tenham validade científica.	Cogn.
42	O psicólogo analisa a subjetividade humana.	Cogn.
43	Realizar trabalhos científicos contribui para atuação do psicólogo.	Cogn.
44	O método de observação faz parte do papel do psicólogo.	Cogn.
45	Pretendo modificar os resultados das avaliações para atingir determinado objetivo.	Comport.
46	Faz parte da prática do psicólogo utilizar métodos estatísticos.	Cogn.
47	Pretendo ler os manuais técnicos antes da aplicação de instrumentos psicológicos.	Comport.
48	Fico entusiasmado utilizar métodos experimentais como forma de investigação científica.	Afetivo
49	É papel do psicólogo estar atualizado quanto aos desafios atuais de seu campo de atuação.	Cogn.
50	Me sinto confiante para utilizar instrumentos de avaliação em Psicologia.	Afetivo
51	Eu fornecerei, somente a quem de direito, os resultados decorrentes da prestação de serviços psicológicos.	Comport.
52	Promover a dignidade das pessoas me faz bem.	Afetivo
53	É responsabilidade do psicólogo conhecer o Código de Ética Profissional.	Cogn.

*Anexo 5 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Etapa de análises  
psicométricas (online)*

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Online)**

**TÍTULO DA PESQUISA: CONSTRUÇÃO E ESTUDOS PSICOMÉTRICOS DA  
ESCALA DE ATITUDE FRENTE À ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO**

Ao clicar em "concordo e aceito participar da pesquisa" dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade de Camila Cardoso Camilo, doutorando do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco.

- 1 - O objetivo desta pesquisa é realizar estudos sobre a Escala de Atitude frente à Atuação do Psicólogo (EAAPsi);
- 2 - Durante o estudo serão realizadas perguntas gerais, sócio-demográficos e serão aplicados três instrumentos que avaliam a atitude do estudante de Psicologia frente a atuação do psicólogo, as Forças e Virtudes e os Interesses por Áreas da Psicologia, tendo duração aproximada de 30 minutos;
- 3 - Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;
- 4 - A resposta a este protocolo não causa riscos conhecidos à minha saúde física e mental, e não é provável que cause desconforto psicológico;
- 5 - Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa, o que não me causará nenhum prejuízo;
- 6 - Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
- 7 - Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: (11) 2454-8981. Além disso, o endereço do Comitê de Ética em Pesquisa é Av. São Francisco de Assis, 218, Jardim São José – Bragança Paulista – SP (CEP: 12916-900), e-mail: comite.etica@saofrancisco.edu.br;
- 8 - Poderei entrar em contato com as responsáveis pelo estudo, doutoranda Camila Cardoso Camilo, sempre que julgar necessário pelo e-mail camilaccamilo1@gmail.com;
- 9 - Uma cópia de igual teor deste Termo de Consentimento poderá ser enviada para mim por e-mail.

*Anexo 6 - Escala de Forças de caráter (Noronha & Barbosa, 2016)*

## Escala de Forças e Virtudes

Ana Paula Porto Noronha  
 Altemir José Gonçalves Barbosa

Em uma escala de 1 a 10, assinale o quanto você sabe dizer sobre si mesmo(a) no que se refere às suas características, às suas preferências, ao que lhe deixa feliz.

Pouco ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦ ⑧ ⑨ ⑩ Muito

#

## Instruções

Abaixo há uma lista de afirmações. Por favor, leia cada uma e decida o quanto cada item se assemelha a você e assinale um dos valores, de zero a quatro. Seja sincero(a) e **responda como "você é"** e não como "gostaria de ser" ou como "as pessoas acham que você é". Não há respostas certas ou erradas. Não deixe nenhum item sem preencher.

	Nada a ver comigo	Um pouco a ver comigo	Mais ou menos a ver comigo	Muito a ver comigo	Tudo a ver comigo
1. Sei o que fazer para que as pessoas se sintam bem.	0	1	2	3	4
2. Trato todas as pessoas com igualdade.	0	1	2	3	4
3. Faço as coisas de jeitos diferentes.	0	1	2	3	4
4. Sou competente para dar conselhos.	0	1	2	3	4
5. Ter que aprender coisas novas me motiva.	0	1	2	3	4
6. Faço bons julgamentos, mesmo em situações difíceis.	0	1	2	3	4
7. Penso em diferentes possibilidades quando tomo uma decisão.	0	1	2	3	4
8. Sinto que a minha vida tem um sentido maior.	0	1	2	3	4
9. Sou competente para analisar problemas por diferentes "ângulos".	0	1	2	3	4
10. Não minto para agradar as pessoas.	0	1	2	3	4
11. Reconheço meus defeitos.	0	1	2	3	4
12. Sou paciente.	0	1	2	3	4
13. Viver é empolgante.	0	1	2	3	4
14. Levo a vida com bom humor.	0	1	2	3	4
15. Coisas boas me aguardam no futuro.	0	1	2	3	4
16. Eu me sinto amado(a).	0	1	2	3	4
17. Não vejo o tempo passar quando estou aprendendo algo novo.	0	1	2	3	4
18. Sempre tenho muita energia.	0	1	2	3	4
19. As pessoas confiam na minha capacidade de liderança.	0	1	2	3	4
20. Expresso meus afetos com clareza.	0	1	2	3	4
21. Gosto de fazer gentilezas para os outros.	0	1	2	3	4
22. Tenho que agradecer pelas pessoas que fazem parte da minha vida.	0	1	2	3	4
23. Sinto uma forte atração por novidades.	0	1	2	3	4
24. Consigo encontrar em minha vida motivos para ser grato(a).	0	1	2	3	4
25. Gosto de descobrir coisas novas.	0	1	2	3	4
26. Não guardo mágoas se alguém me maltrata.	0	1	2	3	4
27. Creio que amanhã será melhor que hoje.	0	1	2	3	4
28. Acredito em uma força sagrada que nos liga um ao outro.	0	1	2	3	4
29. Penso muito antes de tomar uma decisão.	0	1	2	3	4
30. Crio coisas úteis.	0	1	2	3	4
31. Penso que todo mundo deve dedicar parte de seu tempo para melhorar o local que habita.	0	1	2	3	4
32. Perdo as pessoas facilmente.	0	1	2	3	4
33. Sou uma pessoa verdadeira.	0	1	2	3	4

### Instruções

Abaixo há uma lista de afirmações. Por favor, leia cada uma e decida o quanto cada item se assemelha a você e assinale um dos valores, de zero a quatro. Seja sincero(a) e **responda como “você é”** e não como “gostaria de ser” ou como “as pessoas acham que você é”. Não há respostas certas ou erradas. Não deixe nenhum item sem preencher.

	Nada a ver comigo	Um pouco a ver comigo	Mais ou menos a ver comigo	Muito a ver comigo	Tudo a ver comigo
34. Consigo criar um bom ambiente nos grupos que trabalho.	0	1	2	3	4
35. Enfrento perigos para fazer o bem.	0	1	2	3	4
36. Analiso o que as pessoas dizem antes de dar minha opinião.	0	1	2	3	4
37. Sou uma pessoa amorosa.	0	1	2	3	4
38. Mantenho a calma mesmo em situações difíceis.	0	1	2	3	4
39. Sei admirar a beleza que existe no mundo.	0	1	2	3	4
40. Não desisto antes de atingir as minhas metas.	0	1	2	3	4
41. Ajo de acordo com meus sentimentos.	0	1	2	3	4
42. Consigo fazer as pessoas sorrirem com facilidade.	0	1	2	3	4
43. Sinto um encantamento por pessoas talentosas.	0	1	2	3	4
44. Agradeço a cada dia pela vida.	0	1	2	3	4
45. Não perco as oportunidades que tenho para aprender coisas novas.	0	1	2	3	4
46. Sou uma pessoa que tem humildade.	0	1	2	3	4
47. Eu me esforço em tudo que faço.	0	1	2	3	4
48. Tenho ideias originais.	0	1	2	3	4
49. Sei que as coisas darão certo	0	1	2	3	4
50. Acho que é importante ajudar os outros.	0	1	2	3	4
51. Acreditar em um ser superior dá sentido à minha vida.	0	1	2	3	4
52. Persisto para conquistar o que desejo.	0	1	2	3	4
53. Eu me sinto cheio(a) de vida.	0	1	2	3	4
54. Penso que a vingança não vale a pena.	0	1	2	3	4
55. Sou uma pessoa bastante disciplinada.	0	1	2	3	4
56. Não ajo como se eu fosse melhor do que os outros.	0	1	2	3	4
57. Corro riscos para fazer o que tem que ser feito.	0	1	2	3	4
58. As regras devem ser cumpridas por todos.	0	1	2	3	4
59. Tenho muita facilidade para perceber os sentimentos das pessoas mesmo sem elas dizerem.	0	1	2	3	4
60. Sou uma pessoa cuidadosa.	0	1	2	3	4
61. Faço coisas concretas para tornar o mundo um lugar melhor para se viver.	0	1	2	3	4
62. Tenho facilidade para organizar trabalhos em grupos.	0	1	2	3	4
63. Consigo ajudar pessoas a se entenderem quando há uma discussão.	0	1	2	3	4
64. Tenho facilidade para fazer uma situação chata se tornar divertida.	0	1	2	3	4
65. Costumo tomar decisões quando estou ciente das consequências dos meus atos.	0	1	2	3	4
66. Dar é mais importante que receber.	0	1	2	3	4
67. Eu me sinto bem ao fazer a coisa certa mesmo que isso possa me prejudicar.	0	1	2	3	4
68. Sou uma pessoa justa.	0	1	2	3	4
69. Sempre quero descobrir como as coisas funcionam.	0	1	2	3	4
70. Tenho muitos amores.	0	1	2	3	4
71. Mantenho minha mente aberta.	0	1	2	3	4

Anexo 7 – Escala de Interesses de Atuação na Psicologia (EIAPsi, Ambiel & Martins, 2019)

### Escala de Interesses por Áreas da Psicologia - 33

A seguir, você encontrará algumas atividades que os psicólogos podem exercer profissionalmente. Leia atentamente cada uma e marque quanto você gosta ou gostaria de exercer cada atividade (lembrando que você poderá marcar qualquer uma das opções):

Detesto/detestaria exercer essa atividade	Não gosto/não gostaria de exercer essa atividade	Imparcial/neutro(a) a esta atividade	Gosto/gostaria de exercer essa atividade	Adoro/adoraria exercer essa atividade
1	2	3	4	5

1) Atuar na atenção a grupos em situação de vulnerabilidade em centros comunitários	1	2	3	4	5
2) Realizar atendimentos psicoterapêuticos em consultórios ou clínicas particulares	1	2	3	4	5
3) Auxiliar nos processos de ensino-aprendizagem	1	2	3	4	5
4) Responsabilizar-se em melhorar as condições de trabalho na organização	1	2	3	4	5
5) Atuar junto a pacientes terminais hospitalizados	1	2	3	4	5
6) Atuar com indivíduos em situação de processos judiciais	1	2	3	4	5
7) Escrever relatos e artigos científicos	1	2	3	4	5
8) Colaborar para a compreensão e transformação das relações inter e intrapessoais que ocorrem nos ambientes esportivos	1	2	3	4	5
9) Conhecer e aplicar diversos testes psicológicos	1	2	3	4	5
10) Compreender as relações do funcionamento cerebral com o comportamento	1	2	3	4	5
11) Participar de equipes multiprofissionais no planejamento e realização das políticas de segurança para o trânsito	1	2	3	4	5
12) Planejar, avaliar e executar políticas públicas e programas comunitários	1	2	3	4	5
13) Intervir nos fenômenos psicológicos do indivíduo	1	2	3	4	5
14) Facilitar o desenvolvimento e integração de alunos no âmbito escolar	1	2	3	4	5
15) Compreender o significado subjetivo atribuído pelos funcionários ao trabalho exercido	1	2	3	4	5
16) Ajudar pessoas que sofreram de algum tipo de acidente	1	2	3	4	5
17) Colaborar na formulação de políticas penais	1	2	3	4	5
18) Elaborar problemas de pesquisa e hipóteses	1	2	3	4	5
19) Realizar atendimentos com o intuito de preparar o atleta para o desempenho da atividade	1	2	3	4	5
20) Realizar avaliações para se chegar a um psicodiagnóstico	1	2	3	4	5
21) Elaborar um plano de tratamento para reabilitação neuropsicológica do paciente	1	2	3	4	5
22) Atuar como perito em exames de habilitação, reabilitação ou readaptação profissional do motorista	1	2	3	4	5
23) Mediar às intervenções de equipes multiprofissionais nos contextos comunitários	1	2	3	4	5
24) Atender a pacientes/clientes com base em uma abordagem teórica específica	1	2	3	4	5
25) Analisar e intervir no clima educacional	1	2	3	4	5
26) Trabalhar com as relações entre os sujeitos existentes no ambiente de trabalho	1	2	3	4	5
27) Auxiliar na preparação de pacientes para entrada, permanência e alta hospitalar	1	2	3	4	5
28) Fazer a avaliação de detentos em liberdade condicional	1	2	3	4	5
29) Orientar trabalhos de alunos de iniciação científica, mestrado e doutorado	1	2	3	4	5
30) Ajudar atletas, técnicos e comissões técnicas a alcançarem um nível ótimo de saúde mental	1	2	3	4	5
31) Saber selecionar adequadamente instrumentos para diferentes situações de avaliação	1	2	3	4	5
32) Realizar avaliação das funções neuropsicológicas	1	2	3	4	5
33) Avaliar capacidades, habilidades e aptidões de candidatos à carteira de motorista	1	2	3	4	5

*Anexo 8 – Escala de Atitude frente à Atuação do Psicólogo – EAAPsi – Versão final*

<b>Item</b>	<b>Descrição</b>	<b>Componente teórico</b>	<b>Fatores extraídos ESEM</b>
3	Pretendo fazer cursos de especialização para atuar em uma área específica.	Comport.	Competências profissionais
4	Fico apreensivo com a minha atuação como psicólogo.	Afetivo	Afetos negativos
5	Eu me sinto bem ao trabalhar com base no respeito às pessoas.	Afetivo	Competências profissionais
6	A aplicação de apenas um instrumento psicológico é suficiente para fechar um diagnóstico preciso.	Cogn.	Ações antiéticas
7	O psicólogo só pode atuar no atendimento clínico.	Cogn.	Ações antiéticas
8	O trabalho do psicólogo não é utilizado para prevenção de problemas.	Cogn.	Ações antiéticas
12	Busco informações em revistas científicas para me atualizar sobre possibilidades de atuação do psicólogo.	Comport.	Competências profissionais
13	Profissionais de qualquer área podem utilizar testes psicológicos.	Cogn.	Ações antiéticas
14	É papel do psicólogo atuar multiprofissionalmente.	Cogn.	Competências profissionais
15	Eu pretendo ensinar técnicas de uso do psicólogo a profissionais de outras áreas de atuação.	Comport.	Ações antiéticas
16	O psicólogo deve ser capaz de analisar necessidades de natureza psicológica.	Cogn.	Competências profissionais
17	Aplicar teste é o mesmo que avaliação psicológica.	Cogn.	Ações antiéticas
18	É função do psicólogo produzir laudos .	Cogn.	Competências profissionais
19	A prevenção do sofrimento faz parte da atuação do psicólogo.	Cogn.	Competências profissionais
20	Participo de eventos científicos da Psicologia e de áreas relacionadas.	Comport.	Competências profissionais
22	Mantere a prestação de serviços pelo maior tempo possível.	Comport.	Competências profissionais
23	Fico ansioso ao pensar que terei que estar sozinho com um paciente durante os atendimentos.	Afetivo	Afetos negativos
24	Induzirei pessoas ou organizações a recorrerem aos meus serviços.	Comport.	Ações antiéticas
25	Me deixa tenso pensar em estar em contato com diversas pessoas.	Afetivo	Afetos negativos
29	Caso não possa dar continuidade ao atendimento de meu paciente, o encaminharei para outros profissionais.	Comport.	Competências profissionais
33	Denunciarei aos conselhos da profissão, aqueles que não estiverem agindo conforme o Código de Ética.	Comport.	Competências profissionais
35	Os métodos estatísticos são utilizados para analisar dados em Psicologia.	Cogn.	Competências profissionais
38	Cabe ao psicólogo levantar informações bibliográficas em fontes especializadas.	Cogn.	Competências profissionais
40	Me deixa tranquilo o fato de não ser permitido divulgar resultados de avaliações psicológicas.	Afetivo	Competências profissionais
41	O psicólogo pode utilizar instrumentos psicológicos que não tenham validade científica.	Cogn.	Ações antiéticas
42	O psicólogo analisa a subjetividade humana.	Cogn.	Competências profissionais
43	Realizar trabalhos científicos contribui para atuação do psicólogo.	Cogn.	Competências profissionais
44	O método de observação faz parte do papel do psicólogo.	Cogn.	Competências profissionais
45	Pretendo modificar os resultados das avaliações para atingir determinado objetivo.	Comport.	Ações antiéticas
46	Faz parte da prática do psicólogo utilizar métodos estatísticos.	Cogn.	Competências profissionais
47	Pretendo ler os manuais técnicos antes da aplicação de instrumentos psicológicos.	Comport.	Competências profissionais

---

48	Fico entusiasmado utilizar métodos experimentais como forma de investigação científica.	Afetivo	Competências profissionais
49	É papel do psicólogo estar atualizado quanto aos desafios atuais de seu campo de atuação.	Cogn.	Competências profissionais